

UNESP  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

**Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP**

PATRÍCIA ORÉFICE

**A CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO COM PROPÓSITO
EM PORTUGUÊS**



ARARAQUARA – SP

2014

PATRÍCIA ORÉFICE

A CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO COM PROPÓSITO EM PORTUGUÊS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise morfológica, morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA – SP

2014

Componentes da banca de defesa

Prof.^a Dr.^a Angélica Terezinha Carmo Rodrigues (orientadora)

Prof.^a Dr.^a Maria Helena de Moura Neves

Prof.^o Dr. Tiago TimponiTorrent

Prof.^a Dr.^a Rosane de Andrade Berlinck (suplente)

Prof.^a Dr.^a Sanderléia Roberta LonghinThomazi (suplente)

“De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sonho uma ponte, da procura um encontro”.

Fernando Sabino, **O encontro marcado.**

*À Claudete: mãe, pai,
amiga e irmã.*

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela espiritualidade e essência.

Agradeço à orientadora e amiga, professora doutora Angélica Rodrigues, pela paciência e disponibilidade, além de me mostrar, entre outras coisas, que um bom linguista é sempre muito curioso.

Aos professores doutores Maria Helena de Moura Neves e Tiago Timponi Torrent, por se “debruçarem” sobre meu trabalho, como fazem com seus próprios orientandos, e “rabiscarem” cada página escrita para o exame de qualificação, sugerindo sábias ideias.

À professora doutora Cristina Carvalho pelas sugestões na primeira avaliação do trabalho, bem como pelas reflexões, em debate.

À CAPES pelo auxílio financeiro que possibilitou a realização desse trabalho.

Agradeço minha mãe por sempre me apoiar em todas as decisões, vibrar comigo em cada vitória e pelo colo materno à disposição e o abraço apertado, nos momentos de dificuldade.

Ao meu pai: os poucos momentos que convivi com você me fizeram ter a certeza de que há e sempre haverá muito de você em mim!

Aos meus irmãos, Bruna e Homero, e cunhados, Luciene e Fabrício, pela cumplicidade, amor, paciência e por cada puxão de orelha de irmão mais velho. Sou reflexo do que vocês me ensinam diariamente.

Aos irmãos e cunhados postigos, Kátia, Janil, Marciane, Flávio, Thais e ao padraсто, Osney, porque onde há mais pessoas, há mais problemas, mas também, mais amor.

Aos sobrinhos, Guilherme, Gustavo, Giovani, Gabriel, Rafaela, Carolina, Isabela e Daniel pela doçura e porque eu sempre “fico com a pureza da resposta das crianças”.

Aos amigos de Bariri pela presença sempre e pela compreensão com minha ausência nos momentos de dissertar.

Aos amigos de Araraquara por se fazerem presente, perto ou longe.

Às eternas “bixetinhas”, Marina e Naiara, por gostarem de mim mesmo quando eu fico “chata” escrevendo.

À Natália, colega, e agora amiga, por viver comigo as angústias e delícias de ser um pós-graduando.

Aos amigos Paty Bomtorin, Felipe e Flávia pela cumplicidade na difícil e prazerosa tarefa de estudar construções.

Ao programa de pós-graduação em Língua Portuguesa da UNESP – FCLAR pelo auxílio e prontidão diante de problemas burocráticos.

Aos professores, tanto do Departamento de Linguística, quanto de Letras Modernas e Estudos Literários, pela excelente formação que ofereceram.

Resumo

Partindo da definição de construção como um pareamento de forma e função (GOLDBERG, 1995), no presente trabalho apresentamos uma descrição e análise de um tipo particular de construção no Português brasileiro (PB), identificada como construção de movimento com propósito (CMCP). Essa construção é formada por dois verbos, sendo que o primeiro é sempre um verbo de movimento orientado e é o único verbo da construção que carrega as marcas de flexão modo-temporal. O segundo verbo, por sua vez, sofre menos restrição semântica e encontra-se sempre numa forma não finita. Para a análise das CMCP, adotamos uma abordagem teórica que associa os pressupostos teóricos da gramaticalização (HEINE, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; TRAUGOTT, 1997, 2003), construcionalização (TRAUGOTT, 2008; BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e da gramática das construções (FILLMORE; KAY, 1999; GOLDBERG, 1995, 2006). Nosso trabalho, desenvolvido sob paradigma do funcionalismo linguístico, é baseado em dados coletados nos *corpora* Projeto Iboruna (www.iboruna.ibilce.unesp.br), *Corpus* do Português (www.corpusdoportugues.org), Projeto Peul (www.lettras.ufrj.br/peul/index.html) e em buscas assistemáticas no site de busca Google. As CMCP estabelecem relação estrita com as orações finais, mas de forma diferente, sem preposição entre V1 e V2. Atestamos que as CMCP estão em processo de construcionalização, sendo que a semântica do verbo de movimento orientado realiza um deslocamento a um destino metafórico, assinalando a finalidade.

PALAVRAS-CHAVE: gramaticalização, construcionalização, gramática de construções, finalidade, verbos de movimento orientado, metáfora.

Abstract

Starting from the definition of construction as meaning's and form's pairing (GOLDBERG, 1995) in the present paper we present a description and an analysis from a particular kind of construction in the Brazilian Portuguese (PB) identified as motion cum purpose construction (CMCP). This construction is formed by two verbs, the first of which is always a directed movement and it is the only verb that carries the mood-temporal flexion's march. The second verb, on the other hand, suffers fewer semantics restriction and it always stays in a non-finite form. To the CMCP analysis, we adopt an approach that combines theoretical assumptions from grammaticalization (HEINE, 1991, HOPEER; TRAUOGOTT, 1993, TRAUOGOTT, 1997, 2003), construcionalization (TRAUGOTT, 2008; BYBEE, 2010; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013) and from the Constructions Grammar (FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988; FILLMORE; KAY, 1999; GOLDBERG, 1995, 2006, CROFT; CRUSE, 2005). Our work, developed under linguistic functionalism paradigm, is based on data collected in corpora ProjetoIboruna (www.iborunaibilce.unesp.br), Corpus do Português (www.corpusdoportugues.org), Projeto Peul (www.lettras.ufrj.br/peul/index.html) and in unsystematic search on Google web site (www.google.com). CMCP establish a strict relationship with purpose, but in a different way. We stress that CMCP are in the construcionalization process and so the semantics of the oriented movement verb causes a displacement to a metaphorical destination; therefore, marking the purpose.

KEYWORDS: *grammaticalization, construcionalization, constructions grammar, purpose, oriented movement verbs, metaphor.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 CMCP EM OUTRAS LÍNGUAS.....	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
2.1 Gramática das Construções	20
2.2 Gramaticalização.....	26
2.3 Construcionalização.....	32
2.4 Integração de cláusulas.....	35
2.5 Relação de finalidade.....	45
2.6 Metáfora conceitual.....	47
3 METODOLOGIA	51
4 ANÁLISE DAS CMCP EM PORTUGUÊS.....	54
4.1 Tipos de V1 em CMCP	54
4.2 Presença de material interveniente entre V1 e V2	69
4.3 Correferencialidade do sujeito entre V1 e V2.....	73
4.4 Tempos verbais de V1.....	73
4.5 Construcionalidade da CMCP.....	76
CONCLUSÃO.....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84
OBRAS CONSULTADAS.....	87

INTRODUÇÃO

As construções de movimento com propósito, daqui em diante CMCP, são construções formadas por um V1, que pode estar em sua forma finita ou não finita, seguido de um V2 necessariamente em sua forma infinitiva. Entre os dois verbos não existe conector, ocorrendo, somente, alguns materiais intervenientes, como advérbios e expressões adverbiais. O espaço do primeiro verbo é preenchido apenas com verbos de movimento orientado, ou seja, verbos que codificam um deslocamento físico, cujo ponto de partida e/ou chegada são focalizados.

Em (1) temos uma CMCP formada pelo verbo *sair* na posição V1. V1 e V2 (*ver*) estão justapostos e entre eles instaura-se uma relação de finalidade, já que o evento codificado em V2 constitui a meta de V1:

(1) “Sobre Mim - sou uma pessoa muito tímida procura uma pessoa para relacionamento sério. Dispensio curiosas. sou um pouco caseiro mais as vezes **saio ver** um filme, passear no shopping, gosto de varios tipos de musicas sertanejas, pop, rok varias”¹

A configuração sintática das CMCP causa estranhamento, uma vez que a relação de finalidade é prototipicamente (DIAS, 2001; TORRENT, 2009) expressa pela estrutura *para+infinitivo*. Desse modo, a CMCP apresenta uma estrutura problemática do ponto de vista descritivo, uma vez que não se encaixa em nenhuma outra construção da língua.

Nosso objetivo é oferecer, de uma perspectiva sincrônica, uma hipótese para a emergência da CMCP a partir da oração de finalidade. Embora seja possível identificar uma relação com as orações de finalidade, sustentamos que as CMCP representam um tipo de construção separada, que exhibe propriedades distintas, como a natureza do V1, necessariamente de movimento orientado (restrição não aplicável à oração final) e a ausência de conector (*para*) entre V1 e V2.

Considerando as CMCP como construções separadas das finais, oferecemos uma hipótese acerca do processo de mudança responsável pela emergência das CMCP. Compreendendo que a emergência de construções tem sido tratada na literatura como

¹ Disponível em <http://www.pof.com/viewprofile.aspx?profile_id=38131510> Acesso em: 15 Set.2012.

processos de gramaticalização e construcionalização, temos por objetivo discutir a relevância de investigar se as CMCP poderiam ter emergido por esses processos.

Na primeira seção deste trabalho apresentam-se algumas análises de construções também identificadas como CMCP em outras línguas, a fim de compará-las com a CMCP na língua portuguesa.

A segunda seção apresenta a fundamentação teórica na qual se baseia o trabalho. Discutem-se, primeiramente, os conceitos de construções, buscando apresentar evidências a favor da construcionalidade da CMCP (FILLMORE; KAY, 1999; GOLDBERG, 1995, 2006). Ainda apresentam-se os conceitos de gramaticalização, (MEILLET, 1912; HOPPER; TRAUGOTT, 2003, HEINE, 2003; HOPPER, 1991) e construcionalização (TRAUGOTT, 2008; BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) com o objetivo de embasar o processo de emergência da CMCP.

Na subseção 2.4 argumenta-se a respeito da configuração sintática da CMCP, a partir de sua relação com a oração final. Diante disso, discute-se o processo de integração de cláusulas proposto por Lehmann (1988), Croft (2001) e Cristofaro (2005), a fim de discutir o estatuto das CMCP num contínuo entre coordenação e subordinação, para demonstrar que os limites da integração de cláusulas são difusos, procurando, ainda, identificar em que espaços essas construções podem se encaixar.

A subseção 2.5 tem por objetivo apresentar, primeiramente, a relação semântica de finalidade, através dos conceitos de Dias (2001) e Torrent (2009), sobre as orações de finalidade, identificando as mais correntes. A partir disso, pretende-se constatar a construcionalidade das CMCP, comprovando que, embora marquem propósito, não são orações de finalidade, mas mantêm com elas uma relação estrita.

A subseção 2.6 é responsável por discutir características semânticas da CMCP, pautando a análise nos conceitos de metáforas (LAKOFF; JOHNSON, 1976; LAKOFF, 1992), uma vez que partimos da hipótese de que na CMCP o destino de V1 é marcado metaforicamente pela finalidade.

A terceira seção consiste na apresentação da metodologia utilizada para a realização do trabalho. Para sustentar nossas discussões, estamos trabalhando com casos de CMCP extraídos do *corpus* do Projeto Iboruna (www.iboruna.unesp.br), do *Corpus* do Português (www.corpusdoportugues.org), além de ocorrências coletadas a partir do sistema de busca Google (www.google.com). A partir de análises qualitativas e quantitativas, pudemos dar suporte à análise das CMCP, baseando-nos nos pressupostos apresentados na fundamentação teórica.

A quarta seção compõe-se da análise das ocorrências de CMCP coletadas, aplicando-se os conceitos apresentados na fundamentação teórica, a fim de apresentar conclusões acerca da CMCP, alocando-as em um *continuum* de integração.

Finalmente, apresentamos as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas nesta dissertação.

1 CMCP EM OUTRAS LÍNGUAS

Nessa seção, retomamos alguns estudos acerca de construções encontradas em línguas diversas, semelhantes às analisadas nesta dissertação.

A denominação “*Motion cum purpose construction*” foi adotada, primeiramente, por Zavalla (1993 *apud* VUILLMERT, 2013, p.13) para tratar de construções particulares encontradas na língua *Olutec*, falada em Veracruz, no México. Lehmann (2011) propõe então a denominação “Construção de Movimento com Propósito” na língua portuguesa. A motivação para esse rótulo advém do fato de que essas construções marcam propósito e são construídas com verbos de movimento orientado.

Partiremos de análises de construções de movimento com propósito observadas nas línguas da família Uto-Asteca, faladas nas regiões do México e de El Salvador, tal como descrita na literatura. Retomaremos, também, o trabalho de Lehmann (2011) com algumas considerações sobre essas construções em português.

Segundo Guerrero (2011), na língua Guarijio, a CMCP, em (4), é uma das três formas de marcação da relação de propósito, acompanhada pelas relações de ligação intencional, em (2), e de finalidade, em (3). Os argumentos são correferenciais e aparecem coindexados. A marca “_” tem o papel de ilustrar a perda sintática do argumento, coindexado ao outro sujeito. Assim, o sujeito da primeira ação, correferencial ao sujeito da segunda ação, controla sua ação e essa correferencialidade demonstra alto nível de integração sintática e semântica.

(2) *Nee_i ehturiáwa-ni [_i merikó ini-nári=a]*
1S.SG study-PRS doctor be-DESID=EMPH

I am studying in order to become a doctor.²

Eu estou estudando para me tornar um médico.

(3) *Tiburcio_i hená [ka'í amó_j ____i tewi-mí ruhka]*
Tiburcio come. PFV NEG 2SG.NS see-CLM like.this

Tiburcio came so that you couldn't see him³.

Tibúrcio veio para que você não o visse.

² FÉLIX, 2005 *apud* GUERRERO, 2011, p.2.

³ MILLER, 1993 *apud* GUERRERO, 2011, p.2.

(4) *wa'á maní, _i eci-po=as e'ego*
 there be, sow-MOV.PURP.PL=EMPH then
*There is the corn go to sow it then*⁴
 Aqui está o milho, vá semeá-lo agora.

A autora diz que em relações que marcam movimento e propósito, o sujeito da primeira oração geralmente realiza um movimento até um destino, a fim alcançar um propósito e que os verbos das duas unidades geralmente compartilham tempo, modo e aspecto. Em (5), o movimento e o propósito, em Guarijio, ocorrem com verbos contíguos independentes, nas formas *hihim*, (ir) e *va'ifiti*, (trazer). Em (6) e (7), o propósito é marcado na forma de sufixo adjunto ao verbo.

(5) *Huma hihim [_i va'igiti igai]*
 Together RED.go bring DEM
*Together they went to bring them.*⁵
 Juntos eles foram para trazê-los.

(6) *Joan-Ø aabo koko-se-k*
 Joan-NOM here sleep-MOV.PURP.PL-PFV
*John came to sleep here.*⁶
 John veio dormir aqui.

(7) *Maic-ach tu-'i'-po-' gu atuhl mu-cucsiñ*
 EXH-1NOM.PL EXT-drink-MOV.PURP.PL-FUT DET gruel there-kitchens
*Let's go drink gruel at the ceremonial kitchens.*⁷
 Vamos beber mingau nas cozinhas cerimoniais.

Assim, de acordo com as sentenças apresentadas acima, podemos perceber que, na CMCP, as propriedades são marcadas na atividade principal. Tanto em (6), quanto (7), os marcadores de propósito e as marcas de tempo, modo e aspecto estão anexados

⁴ MILLER, 1996 *apud* GUERRERO, 2011, p.2.

⁵ PRIMA; ESTRADA, 1998 *apud* GUERRERO, 2011, p.4.

⁶ GUERRERO, 2011, p.4.

⁷ WILLET 1991 *apud* GUERRERO, 2011, p.4.

aos verbos de movimento da oração principal. A diferença entre as CMCP mostradas aqui e as CMCP, em português, é sintática, uma vez que em Guarijio, a finalidade dessas construções ocorre através de coindexações de morfemas nos verbos e, em português, a marca se dá pela integração sintático-semântica de V1 e V2.

Com o objetivo de demonstrar o nível de integração das CMCP, Guerrero afirma que os operadores modais também recaem sobre toda a construção: “(...) um operador deôntico modal como *-maachi*, “deveria”, em Yaqui, opera sobre as duas unidades em uma oração de movimento com propósito”⁸. (GUERRERO, 2011, p. 6). O que se pode interpretar dessa sentença é que a modalidade, “dever”, se aplica aos dois verbos, deixando, ao sujeito *Lupe*, duas obrigações: a de *ir* a um lugar e a de *comprar* a carne.

(8) *Lupe-Ø_i* *wakas-ta* *_i* *jinu-se-maachi*
 Lupe-NOM meat-ACC buy-MOV.PURP.SG-SHOULD
*Lupe should go to buy the meat.*⁹
 Lupe deveria ir comprar a carne.

A negação, em Guarijio opera somente no evento do primeiro verbo, como pode ser notado em (9). Segundo Guerrero (2011), em (9) o sujeito da ação principal toma uma decisão com a intenção de evitar a ocorrência do segundo evento. Nessa língua, de acordo com a autora, a CMCP limita o escopo da negação ao verbo principal, somente.

Assim, a sentença hipotética, (9), *veio aqui para não dormir (came here to not sleep)* seria agramatical, pois a ocorrência da ação proposta no segundo verbo, em uma CMCP, é dependente da ação do primeiro verbo. Negar a segunda ação implica obrigatoriamente em negar a primeira ação.

(9) *Joan-Ø_i* *kaa* *aabo* *_i* *kochi-se-k*
 John-NOM NEG here sleep-MOV.PURP.SG-PFV
*John didn't come here to sleep/ *came here to not sleep.*¹⁰
 John não veio aqui para dormir/ *veio aqui para não dormir.

⁸ “(...) a deontic modal operator as *-maachi* “should” in Yaqui has scope over the two units in a motion-cum-purpose clause” (GUERRERO, 2011, p.6)

⁹ GUERRERO, 2011, p.6

¹⁰ GUERRERO, 2011, p.6.

Vuillmert e Vui (2013) descrevem, em (10) e (11), construções semelhantes em EseEjja AM, falada em regiões na divisa entre Peru e a Bolívia:

(10) *Ch-i-chonolaj.*

icp- B1- trade

*I will trade.*¹¹

Eu negociarei.

(11) *Ch-ba chonolaj-ik-on.*

icp-go trade-subj-B1sg

*I will go to trade.*¹²

Eu irei para negociar.

As autoras, retomando Zavalla (1993), afirmam que em CMCP, existe uma trajetória, na qual o movimento leva a um destino, que é o propósito. Elas afirmam, também, que o propósito deve ocorrer em um momento seguinte a essa ação.

De acordo com os casos de CMCP das duas línguas acima, podemos concluir que o que entendemos como CMCP é um tipo de construção que marca finalidade através da trajetória de movimento de um verbo a um propósito. Outra propriedade das CMCP é o compartilhamento dos marcadores (correferencialidade modo-temporal).

No que se refere ao português, Lehmann (2011) analisa (12) como um tipo de CMCP, para o que propõe o esquema no quadro 1:

(12) O capelão que veio a casa dar-lhe extrema unção... conhecia-o (LEHMANN, 2011, p.11).

$[[A] \text{ V. intr } ([B] \text{ SAdv}) [[C] \text{ V. inf } (D)] \text{ Svinf}] \text{ SV}$
--

Quadro 1: Lehmann (2001, p. 12)

Segundo Lehmann (2011), a CMCP é um sintagma verbal complexo (SV) que possui um verbo principal (em sua forma finita ou infinita), (A), que é sempre de

¹¹ VUILLERMET, 2013, p.12.

¹² VUILLERMET, 2013, p.12.

movimento orientado, e outro verbo dependente em sua forma infinita (SV.inf). *B* é o local onde ocorre a segunda ação, ou seja, o destino. *C* é o V2, sempre em forma infinitiva, podendo ser acompanhado de um dependente, *D*. A posição de *A* é preenchida, na maior parte das vezes, por verbos de movimento básico *ir* e *vir*, ocorrendo em menos frequência com outros verbos de movimentado orientado, como o *entrar*, *sair*, *abaixar*, *subir* e com verbos de transporte, como *levar* e *trazer*.

Lehmann (2011, p. 15) discute a relação da CMCP com a oração de finalidade, traçando um caminho que parte da semântica da oração causal até chegar na oração final, para só depois apresentar a CMCP. Em (13), a oração subordinada *porque queria chatear seu marido* é a causa da oração principal, *Linda afogou-se*. Nessa relação, pode estabelecer-se a seguinte analogia: P causa Q.

(13) A Linda afogou-se **porque** queria chatear seu marido¹³

Em alguns casos, o motivo de uma ação é integrado com um propósito do agente, como em (14). Nesse caso, a causa de Linda ter se afogado é o fato de ela chatear o marido. Ou seja, a causa da oração principal é uma oração exprimindo finalidade. Dessa forma, é possível estabelecer a seguinte analogia: na oração principal, tem-se a relação “A faz p”; na oração subordinada, “A quer q”, sendo que ‘A’ pode ser interpretado como o agente da oração. Portanto, (14) resulta em “[A faz P] é causado por [A quer Q]”, o que caracteriza a oração interproposicional de finalidade:

(14) A Linda afogou-se para chatear o marido¹⁴.

O autor define, portanto, que a oração final é resultado de uma causal, como “P causa Q”. Sendo assim, o mesmo sujeito que causa P, causará Q, sendo normal que as duas orações tenham sujeitocorreferencial, como em (14).

A respeito dessa relação, Lehmann afirma que “numa situação em que A faz P para fazer Q, a ação P mais básica é um movimento de A” (LEHMANN, 2011, p.15). Nesse sentido, uma oração final pode marcar um movimento. Partindo disso, umas das feições da relação interproposicional de finalidade é a CMCP, como em (15):

¹³ LEHMANN, 2011, p.15.

¹⁴ LEHMANN, 2011, p.15.

(15) quando chego da escola meio dia, ela já **saiu trabalhar**.¹⁵

A partir disso, para LEHMANN (2011) a CMCP: “(...) representa, portanto, uma combinação de proposições ‘Q causa P’ tal que P é ‘A se desloca a uma meta’ e Q é ‘A quer participar numa certa situação’.

Com as considerações de Lehmann (2011), pode-se perceber que a CMCP parte da finalidade, já que, na finalidade, A realiza uma ação para fazer P, utilizando-se, nessa oração, da preposição *para* como parte marcadora da intenção do falante. A CMCP, por sua vez, também marca um propósito do sujeito, tal como a oração de finalidade, apresentando, no entanto, uma configuração sintática diferente, já que não se observa a presença da estrutura canônica da finalidade, qual seja “*para+infinitivo*” (cf. TORRENT, 2009).

¹⁵ (Disponível em: <feelingsjust.tumblr.com/.../vou-contar-as-voces-uma-coisa-que-vi-hoje-quando-eu> Acesso em 02 Set. 2013)

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Gramática das construções

Uma vez que nosso objetivo é advogar a favor da construcionalidade das CMCP, nessa subseção apresentaremos o conceito de construção, a partir da reflexão de diferentes trabalhos, tais como Fillmore e Kay (1999) e Goldberg (1995) e (2006), que deram origem ao modelo teórico hoje reconhecido como a *Gramática das Construções*, (GC).

A GC nega a noção que se tem da língua como um conjunto de normas referentes a itens lexicais. Considera, para tanto, a gramática como um grupo de construções gramaticais formadas por um pareamento de forma e sentido.

Fillmore e Kay (1999), ao estudarem a construção *What's X doing Y*, (WXDY), como em (16), definem-na como uma associação entre forma linguística e conteúdo. A construção, para eles, apresenta informações semânticas e sintáticas em uma única estrutura. Em (16), vemos o que os autores denominam *incongruência de sentido ou proposição*. Segundo os autores, a interação do jantar oferece duas possíveis interpretações para a questão feita pela cliente: a escolhida pelo garçom, segundo o qual a mosca está realizando um nado de costas na sopa, sendo essa considerada a atividade da mosca na situação; e a escolhida pela cliente, a qual indica que existe algo incongruente no fato de uma mosca estar em uma sopa. A primeira leitura pode ser considerada literal e a segunda, modificada pelo contexto.

(16) *Diner: Waiter, what's this fly doing in my soup?*

*Waiter: Madam, I believe that's the backstroke*¹⁶.

Cliente: Garçom, o que essa mosca está fazendo em minha sopa?

Garçom: Senhora, eu acredito que está nadando de costas.

Outra ocorrência da construção *What's X doing Y* usada pelos autores é a presente em (17), em contraste com (18).

(17) *Look what your children are doing in my garden*¹⁷.

Olha o que seus filhos estão fazendo no meu jardim.

¹⁶ (FILLMORE; KAY, 1999, p.4)

¹⁷ (FILLMORE; KAY, 1999, p.5)

(18) *Look what your children are doing in my garden. How sweet of them*¹⁸.

Olha o que seus filhos estão fazendo no meu jardim. Como eles são doces.

No primeiro caso, é possível concluir que o falante desaprova a atividade das crianças no jardim. Contudo, a mesma sentença, utilizada em (18), mostra reação contrária por parte do falante, uma vez que ele completa sua fala elogiando as crianças por suas ações. Podemos concluir, com isso, que não existe uma única interpretação possível a essa construção. Ou seja, o julgamento de incongruência decorrente da morfossintaxe dessa construção não é o mesmo caso ocorra uma modificação no contexto.

Os autores afirmam, com isso, que a construção WXDY possui interpretações literais em confronto com os contextos aos quais elas se inserem. Contudo, nem todas as sentenças possibilitam uma leitura literal, como é o caso da sentença abaixo:

(19) *What do you think your name is doing in my book?*

O que você acha que seu nome está fazendo no meu livro?

Nesse caso, *name* é algo inanimado e, portanto, não poderia estar realizando uma atividade compatível com *doing*. A única leitura possível, portanto, advém do contexto no qual a construção está inserida. Nesse caso, parece que o falante não achou apropriado o nome do ouvinte aparecer em um determinado livro. A leitura, nessa sentença, necessita do contexto, uma vez que apenas uma leitura literal não preencheria o sentido da mesma.

Os autores concluem que a construção WXDY pode ter se originado em implicações conversacionais e que a semântica de incongruência dessa construção é “(...) convencionalmente associada com a morfossintaxe especial dos constructos da WXDY”¹⁹ (FILLMORE; KAY, 1999, p. 6)

Fillmore e Kay (1999) propõem uma lista de propriedades morfossintáticas idiossincráticas como evidências gramaticais para atestar a construcionalidade da construção em questão: (i) necessidade de conter, na construção, o verbo *do*, (ii) o tempo verbal do verbo *do* sempre ser o *presente participle* do inglês (gerúndio, no

¹⁸ (FILLMORE; KAY, 1999, p.5)

¹⁹ “(...) conventionally associated with special morphosyntax of WXDY constructs” (FILLMORE; KAY, 1999, p.6).

português); (iii) o verbo *do* ser complemento de outro verbo, que não o verbo *be*; (iv) a atribuição de situações ou estados incongruentes impostas por essas construções; (v) a impossibilidade de ocorrência de um pronome interrogativo nessas construções; a impossibilidade de negação do verbo *do*.

A construção WXDY postula, dessa forma, um pareamento entre conteúdo semântico-pragmático e estrutura sintática, uma vez que embora seja possível compreender algumas sentenças como (16) por questões pragmáticas, levando-se em conta o contexto e não somente uma leitura literal, em outras situações, como em (19), o enunciado torna-se inviável, uma vez que não é possível se realizar uma leitura literal prévia posteriormente negada pelo contexto conversacional.

Para Goldberg (1995) o conceito de construção pode ser entendido como a seguinte equação:

“C é uma construção se, e somente se, C é um par de forma-sentido $\langle Fi Si \rangle$, de tal modo que algum aspecto de *Fi* ou algum aspecto de *Si* não é estritamente predizível a partir das partes componentes de C ou de outras construções previamente estabelecidas” (GOLDBERG, 1995, p.4)²⁰

Goldberg (1995) assume que as construções são um par de forma e sentido, sendo consideradas unidades básicas da língua. Segundo a autora, “(...) as construções em si carregam significado, independentemente das palavras na sentença”²¹ (GOLDBERG, 1995, p.1).

A autora afirma que na Gramática das Construções não existe uma divisão estrita entre o léxico e a gramática. Uma vez que a gramática pode ser compreendida como uma rede estruturada de construções, não é possível realizar uma distinção entre a gramática e o léxico, sendo que as palavras, os morfemas, as situações conversacionais e estruturais irão todos compor a gramática, esquecendo-se, para tanto, a noção de estruturas centrais e periféricas.

Podemos considerar os elementos léxicos da construção também como construções, uma vez que possuem um par de forma e sentido. Torrent (2009) retoma a relação entre o léxico e a sintaxe, proposta por Goldberg (1995), afirmando que “(...) os elementos léxicos também são vistos como construções, pois, assim como as sequências

²⁰ “C is a construction iff, C is a form-meaning pair $\langle F, s \rangle$ such that some aspect of F, or some aspect of S, is not strictly predictable from C's component parts or from other previously established constructions” (GOLDBERG, 1995, p.4).

²¹ “(...) constructions themselves carry meaning, independently of the words in the sentence” (GOLDBERG, 1995, p.1)

sintáticas, compõem-se de pares de forma-sentido” (TORRENT, 2009, p.55). Assim, podemos pensar no significado dos elementos da construção, como o léxico, interagindo com outros elementos, e no significado da soma de todos esses elementos.

Outro aspecto relevante da Gramática das Construções refere-se à Hipótese da Composicionalidade, discutida em Goldberg (1995) e Fillmore (1979).

Fillmore (1979), baseando-se em um estudo sobre expressões idiomáticas, afirma que a Hipótese Forte da Composicionalidade não dá conta de todas as construções da língua, uma vez que esta se encontra em constante mudança.

A composicionalidade trata o significado de uma expressão linguística como resultado da soma do significado de suas partes constituintes. Frege (1879 *apud* GOLDBERG, 1995) defende que as semânticas são composicionais, sendo que o significado de toda a construção deve ser resultado da soma dos significados das partes constituintes. Montague (1973 *apud* Goldberg, 1995) afirma que existe um mapeamento universal de regras sintáticas usadas em traduções semânticas. Assim, segundo o autor, a soma do significado lexical e da forma sintática é suficiente para compreensão da semântica de uma construção.

Goldberg (1995), negando os conceitos de composicionalidade, define a Hipótese Fraca da Composicionalidade:

“Ao reconhecer a existência de construções com conteúdo completo, nós podemos considerar a composicionalidade uma forma fraca: o significado de uma expressão é resultado da integração de significados dos itens lexicais dentro dos significados de construções”²² (GOLDBERG, 1995, p.16).

Com isso, podemos compreender que significado de um item da construção não possui o mesmo significado que se desprende dele ao interagir com outro item nessa construção. A autora afirma, com isso, que a sintaxe e a semântica de construções não são projetadas exclusivamente nas propriedades do verbo principal, sendo que o resultado da construção é alcançado pela interação do verbo principal com os outros itens dessa construção.

²² “By recognizing the existence of contentful constructions, we can save compositionality in a weakened form: the meaning of an expression is the result of integrating the meanings of the lexical items into the meanings of constructions” (GOLDBERG, 1995, p.16).

Pode-se depreender, portanto, que existe uma relação entre o verbo e a construção da qual ele faz parte, já que ele interage, a partir de seus vários significados, com a própria construção.

Goldberg (1995), retomando Zaenen (1991), apresenta um caso no qual a interação entre os constituintes da sentença negam a composicionalidade forte. Trata-se da construção da língua holandesa com o passivo impessoal, em (20), (21) e (22). Nessas construções, segundo Zaenen (1991 *apud* GOLDBERG, 1995), existe uma restrição com o passivo impessoal que geralmente descreve a ação como atética²³.

(20) **Er werd opgestegen.*

There was taken off.

Correu-se.

(21) *Er werd gelopen.*

There was run.

Correu-se.

(22) ? *Er werd naar huis gelopen*

There was run home.

Correu-se para casa.

Segundo a autora, a aceitabilidade da sentença perde-se quando se insere um advérbio, o que impede que a ação do verbo continue sendo tética. A restrição, de acordo com a autora, aplica-se ao aspecto de toda a expressão e não somente ao aspecto do verbo principal que a compõe. Por essa razão é que não podemos considerar a construção como lexicalmente determinada, pois, caso partíssemos dessa teoria, iríamos ter que considerar os constituintes como possuidores de metade do sentido de toda a construção. A restrição, nesse caso, recai sobre toda a construção.

Com os casos de incompatibilidade sintático-semântica gerada ao se considerar os constituintes de uma construção como composicionais, podemos concluir que o fato de a língua ser formada por uma rede construcional em constante mudança impede que se analisem os constituintes das construções de forma inteiramente composicional. Isso

²³ Ação ou evento incompleto. Imperfectiva.

não significa negar totalmente a composicionalidade, mas sim, enfraquecê-la, o que é defendido pela Hipótese Fraca da Composicionalidade.

Pensando na Hipótese Fraca da Composicionalidade, podemos, portanto, compreender que em uma construção como a CMCP, objeto de estudo do nosso trabalho, a integração da sintaxe com a semântica é fundamental para que se habilite a finalidade nesse tipo de construção, o que será comprovado em nossa análise.

2.2 Gramaticalização

Considerando que a emergência de construções tem sido tratada na literatura como processos de gramaticalização e construcionalização, pretendemos, nessa subseção, abordar as propriedades principais desses tipos de mudança, a fim de comprovar, em nossa análise, que as CMCP emergem por esses processos.

O termo gramaticalização foi utilizado pela primeira vez por Meillet (1912). Segundo o autor, existem dois modos de se formarem novas formas gramaticais: através do processo de analogia, no qual novos paradigmas são criados, com semelhança formal com velhos paradigmas; ou através do processo de gramaticalização. A gramaticalização, segundo Meillet (1912), consiste na “(...) atribuição de característica gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (MEILLET, 1912 *apud* HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.19)²⁴. Meillet (1912) afirma, com isso, que a gramaticalização envolve mudança de estatuto gramatical e, através desse processo, formas menos dependentes tornam-se mais dependentes.

De acordo com Hopper e Traugott (2003), o termo gramaticalização

“(...) refere-se à parte do estudo de mudança linguística que está preocupada com algumas questões sobre como itens lexicais e construções passam, em certos contextos linguísticos, a realizar funções gramaticais ou como itens gramaticais desenvolvem em novas funções gramaticais²⁵” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.1).

Gramaticalização para os autores é um processo de mudança linguística no qual itens lexicais e construções tornam-se gramaticais. Heine (2003) apresenta quatro mecanismos fundamentais que atuam no processo de gramaticalização.

O primeiro deles é a dessemantização, que é o enfraquecimento pragmático do conteúdo semântico, (HOPPER; TRAUGOTT, 2003), denominado, também, desbotamento ou branqueamento²⁶. Para melhor exemplificar o desbotamento semântico sofrido em processos de gramaticalização, os autores retomam Sweetser (1988), com o estudo do futuro do verbo *go*, em inglês. Segundo Sweetser (1988 *apud* HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.94), quando se utiliza o verbo *go* em orações marcando futuro,

²⁴ “(...) *attribution of grammatical character to an erstwhile autonomous word*” (MEILLET, 1912 *apud* HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.19)

²⁵ “*grammaticalization refers to that part of the study of language change that is concerned with such questions as how lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions or how grammatical items develop new grammatical functions*” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.1)

²⁶ “Empalidecimento” para Gabelentz (1981 *apud* HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.94) e “enfraquecimento”, Meillet (1912 *apud* HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.94).

perde-se o sentido de movimento físico, ganhando-se, no entanto, um novo significado, que é o de finalidade. Langacker (1990 *apud* HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.94) afirma que, ao se utilizar o verbo *go* nesses novos contextos, o deslocamento, que antes era físico, ganha uma perspectiva temporal, ao marcar futuro.

Heine (2003) apresenta também o mecanismo da decategorização. Podemos compreender esse conceito como a mudança de categoria que resulta de um processo de gramaticalização. Parte-se de uma categoria morfológica mais pesada e fonologicamente maior, para outra categoria de morfologia mais leve e menor. Quando um termo se gramaticaliza, ele deixa de fazer parte de uma categoria maior, como a de nome e de verbo. A decategorização é um processo que envolve a mudança de categoria que parte de uma classe aberta para uma classe fechada, substituindo palavras lexicais por palavras gramaticais. Hopper e Traugott (2003) apresentam o seguinte esquema de decategorização, no qual a categoria maior contém nomes e verbos, e a categoria menor, preposições, conjunções, verbos auxiliares, pronomes e demonstrativos:

“Categoria maior (> categoria intermediária) > categoria menor”.

(HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.107).

A fim de exemplificar o processo de decategorização, os autores apresentam o caso da conjunção *while*, em inglês. *While*, segundo Hopper e Traugott (2003) era utilizado como um nome (no inglês antigo), com função duração de tempo, como em (23):

(23) *We stayed there for a while.*²⁷

Nós permanecemos lá por um tempo.

Ao se gramaticalizar, no entanto, *while* perde suas características de nome, tornando-se uma conjunção, com função de organização temporal do discurso, como em (24):

(24) *While we were sleeping.*²⁸

²⁷ (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.107)

Enquanto nós estávamos dormindo.

A gramaticalização do nome *while* para a categoria de conjunção, segundo os autores, faz com que se alterem algumas de suas propriedades sintáticas que o identificaria como um nome. *While*, como conjunção, não pode ser acompanhado por artigos ou quantificadores; não é capaz de ser modificado por adjetivos ou demonstrativos; não ocorre como sujeito ou qualquer outro argumento do verbo; não aparece em posição inicial em cláusulas e não é referido por um pronome anafórico.

Os mecanismos de erosão e extensão também são utilizados para averiguar a gramaticalização. Segundo Heine (2003), erosão é a tendência de se perder substância fonética dos termos quando utilizados em novos contextos. A extensão, por seu turno, ocorre quando itens lexicais são usados em novos contextos nos quais não seriam usados anteriormente (CAMPBELL, 2001 *apud* HEINE, 2003). Em (25), Heine (2003) apresenta o uso de um verbo de volição para marcação de futuro, na língua *Swahili*, da família *Niger-Congo, Bantu*. Em (25a) temos um uso lexical do verbo *-taka*, (querer) e em (25b), uma construção com o marcador de tempo futuro em cláusulas relativas. Em (25c) o marcador de futuro é reduzido a forma *-ta*. Nesses casos, o uso do verbo, comum a referentes sujeitos humanos, aplicou-se a sujeitos inanimados, pelo processo de extensão. Assim, a partir da extensão, o marcador de futuro sofre decategorização. Além disso, a forma *-taka* também passa pelo mecanismo de erosão, sendo reduzida a sua fonologia em *-ta*, quando utilizado em orações principais (25c):

(25a) *a- taka ku- ja*
C1:PRES -want INF -come
He wants to come
Ele quer vir.

(25b) *a- taka -ye ku- ja*
C1 -FUT- C1:REL infinitive- come
He who will come.
Ele que virá.

(25c) *a- ta- ku- ja*

²⁸ (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.107)

C1- FUT INF come

He will come.

Ele virá.

Além dos mecanismos apresentados por Heine (2003), os estudos acerca dos processos de mudança de construção, bem como essa dissertação, baseiam-se nos princípios para averiguar gramaticalização (HOPPER, 1991).

Segundo Hopper (1991), existem cinco princípios gerais segundo os quais é possível identificar os estágios de gramaticalização: estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização.

O primeiro princípio apresentado pelo autor é o de estratificação. Segundo esse princípio, novas camadas emergem, sem que necessariamente se descartem as formas antigas. Para exemplificar o princípio de estratificação, o autor apresenta a concomitância de formas arcaicas e formas novas de tempo e aspecto, na língua inglesa. Assim, existem verbos como *drive* e *take* que, conjugados no passado, tornam-se *drove* e *took*, em contraposição a formas mais novas, como *notice* e *walk*, que recebem afixos [d], *noticed* e *walked*.

O segundo princípio discutido por Hopper (1991) é o de divergência. Através da divergência, têm-se pares ou formas múltiplas. De acordo com esse princípio, a forma que dá origem a uma nova forma continua a ser usada com suas propriedades lexicais. Para ilustrar esse princípio, Hopper (1991) retoma a forma *habere*, do Latim, que se tornou um sufixo de tempo futuro, em francês moderno, e, também, um verbo lexical, *avoir*, *ter*. O verbo *avoir*, por sua vez, sofre gramaticalização, tornando-se um verbo auxiliar do perfeito, na frase *j'aichanté (eu canto)*. Assim, *j'ai* é gramaticalizado como um auxiliar de tempo e aspecto ao mesmo tempo em que se torna um verbo lexical, *j'ai (I have)*, caracterizando um processo de divergência.

O terceiro princípio é o de especialização. Segundo esse princípio, num determinado estágio, existe a possibilidade de variedade de formas com nuances semânticas diferentes. Esse princípio pode ser comprovado, de acordo com Hopper (1991), pela negação em algumas construções, na língua do francês moderno, com a partícula *ne*, antecipando o verbo, e a partícula *pas*, seguindo-o. As duas partículas são usadas conjuntamente. *Ne* é, historicamente, uma partícula de negação, e *pas*, uma partícula negativa. O autor afirma que antes a negação ocorria com o *ne*, sendo que *pas*

era utilizado para reforçar o sentido de alguns verbos específicos. *Pas* passou a ser usado para reforçar a negação em partículas negativas:

(26) *Il ne boit pas de vin*

*He does not drink wine*²⁹

Ele não bebe vinho.

O quarto princípio é o da persistência. A partir dele é possível afirmar que os significados originais, ao longo do processo de gramaticalização, deixam vestígios de suas formas. A fim de exemplificar o princípio da persistência, Hopper (1991) apresenta a forma *will*, marcador de tempo futuro, no inglês. O autor apresenta duas ocorrências com essa forma: uma com sentido de predição, como em (27) e outra com sentido modal, marcando intenção (28). Nota-se, que tanto em (27), quanto em (28), a forma *will* foi utilizada. No primeiro caso, o interlocutor acredita em alguma coisa e prediz que isso ocorrerá no futuro. No segundo caso, não há predição, mas sim utilização do *will* como modal, o que permite a leitura da intenção do interlocutor em questão, que pretende realizar a ação de postar algo no correio no mesmo dia em que afirma isso. Os dois usos de *will* servem como modelo para compreensão do que é o princípio da persistência, uma vez que são semelhantes semanticamente entre si.

(27) *I think the bulk of this year's students will go into industry.*³⁰

Eu acho que a maior parte dos estudantes desse ano vai para a indústria.

(28) *I will put them in the post today.*³¹

Vou colocá-los no correio hoje.

Por fim, o quinto princípio é o de decategorização. Como explicado anteriormente, a decategorização consiste na mudança dos termos de categoria, partindo de categorias plenas (nomes e verbos) para categorias secundárias (adjetivos, participípios, preposições e conjunções). Hopper (1991) apresenta algumas ocorrências em que há processo de decategorização. A título de exemplificação, apresenta-se a

²⁹ (HOPPER, 1991, p.27)

³⁰ (HOPPER, 1991, p.29).

³¹ (HOPPER, 1991, p.29).

ocorrência de *thanks*, em inglês. Essa construção consiste no uso de nomes em papéis secundários, com função de advérbios e preposição, como em (29):

(29) *Our thanks were accepted by the mayor – thanks to his generosity.*³²

Nossos agradecimentos foram aceitos pelo prefeito – graças à sua generosidade.

Dentre os principais conceitos que englobam a gramaticalização estão a *analogia* e a *reanálise*. A reanálise é entendida como um processo de mudança no constituinte, com novas estruturas sendo formadas a partir de velhas formas. A analogia, por contraste, representa mudanças linguísticas causadas pela proximidade com outros elementos. A analogia e a reanálise trabalham juntas, visto que muitas reanálises resultam da analogia.

A reanálise é um processo silencioso, que só é revelado quando as formas encontram-se já em estado de mudança. Para melhor embasar o processo de reanálise, Hopper e Traugott (2003) retomam Langacker (1977), segundo o qual a reanálise é uma “(...) mudança na estrutura de uma expressão ou classe de expressões, que não envolve nenhuma modificação imediata ou intrínseca de manifestação de superfície”³³ (LANGACKER, 1977 *apud* HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.51). Pode-se pensar na reanálise, ainda, como a substituição de velhas por novas estruturas, embora essa mudança seja prevista somente nas formas já modificadas. A reanálise opera no eixo sintagmático da oração.

A analogia, nos termos de Meillet (1912), diferencia-se de outros processos de mudança, como o de gramaticalização e reanálise. Esse processo de mudança consiste na atração, segundo Hopper e Traugott (2003, p.64), de novas formas para construções já em uso. A analogia, ao contrário da reanálise, opera no eixo paradigmático da oração.

³² (HOPPER, 1991, p.30).

³³ “change in the structure of an expression or class of expressions that does not involve any immediate or intrinsic modification of its surface manifestation” (LANGACKER, 1977 *apud* HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.51).

2.3 Construcionalização

Estudos mais recentes sobre mudanças linguísticas têm sugerido uma reinterpretação da gramaticalização de construções através do processo de *construcionalização*. Pensando na CMCP como um tipo de construção advinda das orações finais que está sofrendo mudança, discutiremos o processo de construcionalização com a intenção de comprovar a construcionalidade da CMCP.

Traugott (2008), ao discutir o processo de mudança em construções, afirma que em uma construção a semântica, a morfossintaxe, a fonologia e, algumas vezes, a pragmática ocorrem juntas.

A autora apresenta a divisão de construção em quatro partes: macroconstrução (pareamentos de forma e significado definidos pela estrutura); mesoconstruções (conjuntos de construções com funções semelhantes), microconstruções (*types*) e os constructos (*tokens*, o *locus* da mudança). Partindo disso, a autora afirma que os falantes e ouvintes combinam partes do constructo com partes de outras construções, tendo como resultado uma forma inovadora, que é uma microconstrução.

Traugott (2008) destaca a importância da analogia e reanálise para a criação de novas construções. A autora propõe denominar a reanálise como neoanálise, uma vez que a mudança em construções ocorre através de novas interpretações, e não necessariamente da criação de novas fórmulas. Passando por esses dois processos, os novos padrões tornam-se fixos, sem, contudo, sofrer derivações de sentido.

De acordo com a divisão apresentada por Traugott (2008), na mudança construcional, *construcionalização*, as formas partem do constructo e através da neoanálise derivam em novos pareamentos de forma e sentido. Na analogia, o caminho tomado é o contrário, sendo que a construção parte da macroconstrução, ocorrendo certos preenchimentos até que se atinjam os usos linguísticos.

Considerando o sistema linguístico como uma rede construcional, Bybee (2010) parte da ideia de que novas construções emergem de generalizações ocorridas através de expressões linguísticas do uso, o que demonstra a dinamicidade da língua. Segundo a autora, elegem-se algumas construções. Essas construções tornam-se mais comuns ao léxico mental e na produção linguística, uma vez que a construção é elaborada já no pensamento do interlocutor. A partir delas, novas construções vão sendo criadas. A autora apresenta, também, o conceito de gradualidade dos tipos de construções. Assim, duas formas diferentes para construções acabam por competir por certo tempo.

Baseando-se nesses dois estudos, Traugott e Trousdale (2013), ao estudarem a mudança construcional, denominam a *construcionalização* da seguinte forma: “a criação de um par de forma_{nova} – significado_{novo}³⁴,” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.3).

Segundo os autores, a construcionalização resulta em construções com novos nós, novas sintaxes, novas morfologias e novas codificações de significados. Três conceitos são importantes para a mudança construcional: a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade. A construcionalização, ainda de acordo com Traugott e Trousdale (2013), ocorre de forma gradual, sendo que o novo pareamento de forma e função resulta, também, em uma nova unidade.

Traugott e Trousdale (2013) retomam o estudo de Traugott (2008) sobre o desenvolvimento dos bipartitivos do inglês com significados quantificadores. Apresentamos a mesma reflexão aqui, a título de exemplificação do processo de construcionalização e posterior comparação com a CMCP.

O esquema utilizado por Traugott (2008, p.226) para ilustrar esse fenômeno é o seguinte:

[NP1 [of NP2]]³⁵.

O tipo de quantificador que utilizaremos para exemplificar é o *sort*. Esse termo foi utilizado primeiramente referindo-se a ideia de grupo, conjunto:

(30) Well may [h]e be called valyaunte and full of proues that hath *such a sorte of noble knyghtes* unto hys kynne

Well may he be called valiant and full of prowess that has such a group of noble knights among is kin.

Bem, ele pode ser chamado valente e cheio de proezas com um grupo de nobres cavaleiros na família.

³⁴“The creation of a form_{new} – meaning_{new} pairing” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.3).

³⁵(Esquema 2: bipartitivos quantificadores. Traugott, 2008, p.226).

Nessa sentença, *sorte*, originalmente é utilizado para se referir a um conjunto: grupo de cavaleiros. Com o passar do tempo, o mesmo termo aparece com sentido partitivo, como membro de um grupo:

(31) He's *a sort of* a prentice, but he's not fastened.

Ele é um tipo de aprendiz, mas ele não é fixo.

Podemos perceber que NP1, nesse caso, foi reanalisado, tornando-se um quantificador que, com a junção de um artigo, carrega um sentido de modificador. Usos mais recentes trazem a expressão sendo usada como um adjunto livre, como pode ser visto abaixo:

(32) Friend of this hombre? Yes; sort of

Amigo desse homem: Sim, tipo um amigo.

De acordo com o estudo apresentado por Traugott (2008), com o uso de um quantificador como partitivo e, por fim, um adjunto, podemos perceber o processo de construcionalização. Criou-se, de uma construção antiga, um novo pareamento de forma-função, que carrega, portanto, novos sentidos e sintaxe.

Na CMCP, temos um pareamento de forma e sentido que parece ter se construcionalizado a partir das orações finais. Ambas as formas marcam finalidade. Contudo, na CMCP, a exigência de um verbo de movimento orientado, seguido por outro verbo, obrigatoriamente na forma finita, faz com que se inove a marca de finalidade. Assim, tem-se pareamento de forma-significado, acarretando em uma construção responsável por, na língua, dar sentido de finalidade.

2.4 Integração de cláusulas

Nessa subseção, apresentaremos os processos de integração de cláusulas complexas, a fim de embasar discussões, no momento da análise, sobre o nível de integração da oração final, bem como da CMCP. Nesse tópico apresentam-se as principais ideias acerca do processo de integração de cláusulas, uma vez que a configuração sintática das orações de finalidade, bem como de construções emergentes dela, como a CMCP, apresenta desafios que só podem ser superados dentro de um paradigma funcional, que pressupõe a gradiência de construções de predicação complexa.

Retomamos, primeiramente, alguns conceitos tradicionais sobre orações complexas, dentre eles, a dicotomia coordenação-subordinação. A definição das orações complexas e a forma como se integram acarreta divergências na literatura. A gramática tradicional, representada aqui por Bechara (2000), Cunha (1972), Cegalla (1973), Rocha Lima (1999) e Cunha; Cintra (2001) apresenta as orações complexas de forma dicotômica, pela coordenação e subordinação.

Bechara (2000) divide as orações complexas em orações dependentes e independentes. Segundo o autor, as orações independentes não exercem função sintática sobre outra oração, e orações dependentes são as orações que exercem essa função sintática.

Cegalla (1973), sobre orações coordenadas e subordinadas, afirma que as primeiras sucedem-se de forma igualitária, sem que haja dependência sintática entre as orações, e que as segundas, por sua vez, são dependentes sintaticamente umas das outras.

Cunha (1972) afirma que as orações autônomas, com independência, são alocadas em um mesmo período, como orações coordenadas, e orações que não possuam autonomia gramatical, dentre elas as com funções de termo integrantes, essenciais ou acessórios, como orações subordinadas.

Carvalho (2004, p.10), partindo dos estudos de Garcia (1967), Borba (1979), Silva e Koch (1983), Koch (1984, 1989, 1995, 1997), nega os estudos sobre integração de cláusulas do modo como realiza a gramática tradicional, de forma dicotômica, uma vez que esse tipo de abordagem não considera as características semânticas das orações.

O que se nota, na verdade, sobre a abordagem do período composto na literatura clássica, é que os critérios apresentados são ora de cunho sintático, ora de cunho semântico.

Diante disso, tratar das cláusulas de forma a colocá-las em um *continuum* de integração, com categorias menos discretas, e com limites menos definidos do que os propostos pela gramática tradicional, parece ser mais viável à multiplicidade da língua. Pensando nisso, apresentam-se, nesse momento, conceitos funcionalistas sobre a integração de cláusulas. Com isso, pretendemos embasar discussões acerca do nível de integração da CMCP, comparando esse nível com o de integração da oração final à sua principal.

Croft (2001), após retomar as definições dadas pela gramática tradicional de orações coordenadas e subordinadas, discute a composição do núcleo de orações complexas. Apoiando-se em Givón (1980 *apud* CROFT, 2001) e Stassen (1985 *apud* CROFT, 2001) o autor utiliza como parâmetros de orações a divisão em *balanceadas* (possuem a mesma forma verbal das orações principais) e *degradadas* (orações complexas que contêm formas verbais que não se apresentam nas orações independentes, eliminando-se as marcas de tempo, modo, aspecto, e dos marcadores de concordância que aparecem nas orações simples).

Croft (2001), partindo dessa divisão em orações degradadas e balanceadas, apresenta um *continuum* de integração de cláusulas, no qual, entre as fronteiras que possuem os tipos de orações identificados pelas gramáticas tradicionais, existem outras orações. Com isso, o autor comprova que existem orações que não se encaixam em nenhum dos tipos definidos pelo tradicionalismo. As fronteiras entre a coordenação, as orações adverbiais, as orações adverbiais, as orações relativas e as completivas não são, portanto, claras.

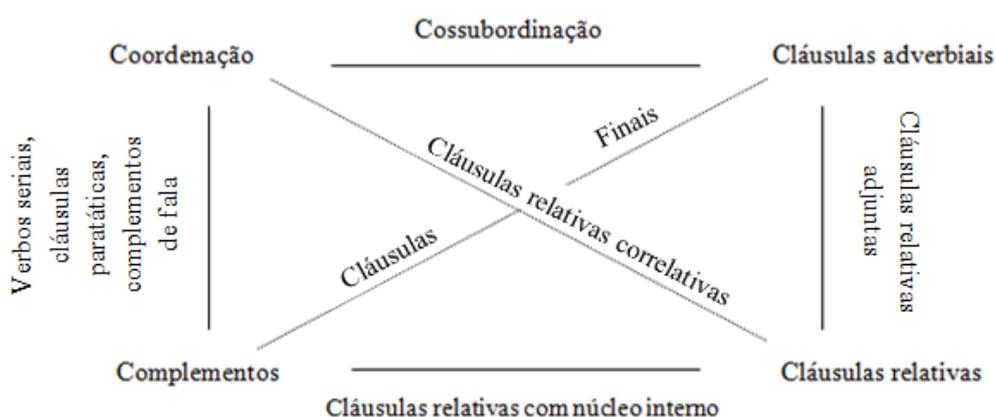


Figura 1: O *continuum* do tipo de sentença complexa (CROFT, 2001)

O *continuum* proposto por Croft (2001) estende-se das coordenadas às completivas. Entre as orações coordenadas e as cláusulas adverbiais estão as orações cossubordinadas. Entre as adverbiais e as relativas, encontram-se as cláusulas relativas adjuntas. Entre as relativas e as completivas, estão as cláusulas relativas com núcleo interno. As orações finais, que muito interessam ao nosso trabalho, são colocadas por Croft de modo a entrecruzar as completivas e as cláusulas adverbiais.

Para estabelecer o *continuum* de integração de cláusulas, Croft utiliza alguns conceitos importantes para a identificação da semântica da oração. A primeira noção que retomaremos, em Croft, é a de iconicidade. Pode-se entender iconicidade pelo fato de uma oração ocorrer na mesma ordem em que o evento foi realizado.

Uma oração coordenada, no quesito iconicidade, deverá sempre manter a ordem da sequência temporal em que os eventos ocorrem. Pode-se perceber que as construções coordenadas abaixo, quando invertidas, não têm o mesmo sentido. Em (33) a oração mostra, sequencialmente, que *Cindy saiu* e, depois, *Jim foi promovido*. Já na oração (34), pode-se entender que *Cindy saiu* temporalmente após *Jim ser promovido*. Diante disso, é possível constatar que o conceito de iconicidade, em orações coordenadas, é indispensável para o entendimento dos eventos.

(33) *Cindy left and Jim was promoted.*³⁶

Cindy saiu e Jim foi promovido.

(34) *Jim was promoted and Cindy left.*³⁷

Jim foi promovido e Cindy saiu.

Croft (2001) afirma que as orações subordinadas adverbiais, por sua vez, possuem uma mobilidade maior em relação ao princípio da iconicidade, pois exercem função de advérbio das orações, que, por sua vez, não possui local fixo em uma construção. Essa mobilidade das orações adverbiais pode ser constatada nas sentenças abaixo. A relação expressa nas duas orações, caso estejam invertidas, é a mesma: a causa de Cindy ter saído é o fato de Jim ter sido promovido. Nesse caso, a distribuição da informação dos eventos é construída pelo falante nas situações comunicativas.

³⁶ (CROFT, 2001, p.328)

³⁷ (CROFT, 2001, p.328)

(35) *Cindy quit because Jim was promoted.*³⁸

Cindy saiu porque Jim foi promovido.

(36) *Because Jim was promoted, Cindy left.*³⁹

Porque Jim foi promovido, Cindy saiu.

O mesmo não pode ser dito sobre todas as orações adverbiais finais. Sabe-se que em orações de finalidade, na maior parte dos casos, realiza-se uma ação com o intuito de se atingir uma meta. Por essa razão, as orações adverbiais finais não podem, portanto, serem encaixadas junto com as outras orações adverbiais no *continuum* de orações complexas, já que apresentam propriedades sintático-semânticas tão distintas. Veremos, na análise, que na CMCP, a ordem dos verbos e conseqüentemente dos eventos não pode ser alterada, uma vez que o movimento em busca de uma meta, no movimento orientado, necessita anteceder um ponto final, que é a finalidade.

Croft também retoma os princípios gestálticos para construir o *continuum* de integração de cláusulas complexas. Apresentaremos as ideias defendidas por Croft com a intenção de situar a oração final em relação à principal, levando-se em consideração a mobilidade das sentenças. Croft recupera o conceito de figura-fundo de Talmy (1978). A fim de exemplificar essas noções, retomaremos as sentenças mostradas pelos autores. Segundo Talmy (1978 *apud* CROFT, 2001), a posição do sujeito é ocupado pela figura, e a posição do objeto representa o fundo. Em (37) o objeto *casa* é tomado como referência de ponto fixo pelo outro objeto, *bicicleta*. A inversão, em (38), causa estranhamento, pois contraria a percepção de figura e fundo, que prevê que uma entidade menor e mais móvel toma o lugar da figura, e a menos móvel desempenha o papel de fundo.

(37) *The bike is near house.*⁴⁰

A bicicleta está perto da casa.

(38) *The house is near the bike*⁴¹

³⁸ (CROFT, 2001, p.329)

³⁹ (CROFT, 2001, p.329)

⁴⁰ (TALMY *apud* CROFT, 2001, p.330).

A casa está perto da bicicleta.

O mesmo pode ser notado nas sentenças abaixo. As orações (39) e (40) estão em ordem inversa. Os advérbios utilizados nas sentenças também são de ideias opostas. Esperaria-se, com isso, que a semântica da sentença fosse a mesma. Contudo, (39) e (40) são distintas: em (39), o que faz Tom perder seu rumo é a demissão, e em (40), Tom demite-se a fim de evitar perder seu rumo.

(39) *After Tom resigned, all hell broke loose.*⁴²

Depois que Tom se despediu, ele perdeu seu rumo.

(40) *Tom resigned before all hell broke loose*⁴³

Tom despediu-se antes de perder seu rumo.

A partir disso, Talmy (1978 *apud* CROFT, 2001) classifica as orações subordinadas como fundo e as orações principais como figura. Considerando os princípios gestaltianos, ainda, em uma dimensão temporal, segundo Croft (2001), o evento menor e mais pontual é concebido como figura em contraposição ao evento maior e durativo, fundo, assim como as formas fechadas, em uma perspectiva gestaltiana, podem ser identificadas como figura.

Dessa forma, pode-se concluir que uma oração subordinada (fundo) toma como referência uma oração principal (figura), sendo que a primeira é o elemento mais móvel e a segunda, o mais fixo. As orações finais também ocorrem da mesma forma em relação à principal, que é o elemento mais fixo. Após apresentar discussões a respeito da integração de cláusulas complexas, partindo dos conceitos gestálticos e de iconicidade, o autor passa a discutir a oração final. Segundo Croft (2001), as orações de finalidade são semanticamente relatadas de forma fechada em cadeias consecutivas, pelo sistema *C-chains* (construções em cadeias). Para explicar o conceito *C-chains*, Croft (2001) retoma Stassen (1985). Para Stassen, duas ou mais orações dadas em uma sequência temporal são denominada *C-chains*. Em (41), percebe-se que a sequência temporal está marcada na própria sequência das orações. Sendo assim, na primeira ocorrência, o vaso

⁴¹ (TALMY *apud* CROFT, 2001, p.330).

⁴² (TALMY *apud* CROFT, 2001, p.330)

⁴³ (TALMY *apud* CROFT, 2001, p.330)

primeiro cai e, provavelmente, com a queda, quebra. Na segunda ocorrência, por seu turno, com a inversão das orações, muda também a ordem dos acontecimentos: o vaso cai já quebrado.

(41) “*The vase fell and broke*” ou “*The vase broke and fell*”⁴⁴

“O vaso caiu e quebrou” ou “O vaso quebrou e caiu”

Partindo desses conceitos, Stassen (1985) define as orações finais como sendo cognatas das construções em cadeias uma vez que ambos os tipos de construção implicam uma ordem sucessiva de eventos que mantêm uma forte relação íntima entre os eventos nessa sucessão (STASSEN, 1985 *apud* CROFT, 2001, p.352).

Ao afirmar que as orações finais são cognatas das cadeias consecutivas e que representam, também, ordem consecutiva dos eventos, pode-se compreender que a ordem das orações, nas orações de finalidade, tem relevância para o entendimento semântico da mesma. Assim, se a oração principal é assertiva, a oração final também será, pois estão sucessiva e diretamente interligadas.

As orações finais, portanto, sempre obedecem a iconicidade de tempo e o resultado das orações finais é dependente do agente da primeira oração, ainda que os sujeitos das duas orações sejam diferentes. Em (42), a primeira ação, *ir para casa*, leva ao cumprimento da segunda ação, *ver a namorada*. Os eventos são descritos, na sentença, na mesma ordem em que ocorreram, necessariamente.

(42) *Tony went home for the weekend to see his girlfriend*⁴⁵

Tony foi para casa pelo fim de semana para ver sua namorada.

Esse tipo de conclusão permite relacionar a CMCP às orações finais, uma vez que observamos que ambas construções compartilham as mesmas propriedades sintáticas e semânticas apresentadas acima. A iconicidade é respeitada nessas construções, além de se formarem de forma semelhante às *C-chains*, ou seja, de forma encadeada, na qual a ação do verbo de movimento orientado resulta em um segundo evento, que é a finalidade.

⁴⁴ (CROFT, 2001, p.336).

⁴⁵ (CROFT, 2001, p.352)

Outro trabalho que discute a gradiência das orações complexas, negando a dicotomia coordenação-subordinação, é o apresentado por Lehmann (1988). O autor, focando-se em uma abordagem funcionalista, apresenta alguns parâmetros semântico-sintáticos para definir a integração de orações. Retomaremos esses parâmetros aqui com a intenção de, na análise, medir o grau de integração dos diferentes tipos de CMCP, comparando-as, ainda, com a finalidade. Assim, os seis parâmetros apresentados pelo autor são os seguintes:

- A degradação hierárquica das orações subordinadas;
- O nível sintático da oração principal a que as orações subordinadas se encaixam;
- A desentencionalização da oração subordinada;
- A gramaticalização do verbo principal;
- O entrelaçamento de duas orações;
- A explicitude da articulação (LEHMANN, 1988, p.3).

Lehmann (1988) agrupa esses seis parâmetros em pares, levando em consideração a autonomia ou integração da cláusula subordinada, redução ou expansão da oração subordinada ou da oração principal e o isolamento ou articulação das orações.

Partindo disso, segundo Lehmann (1988), os parâmetros *degradação hierárquica das orações subordinadas* e *o nível sintático da oração principal a que as subordinadas se encaixam* mostram a autonomia ou o nível de integração das orações.

Os parâmetros *desentencionalização da oração subordinada* e *gramaticalização do verbo principal* relacionam-se com a redução ou expansão das orações.

Por fim, os parâmetros *entrelaçamento das orações* e *explicitude da articulação* demonstram o isolamento ou articulação das orações.

A partir desses parâmetros, Lehmann (1988) apresenta seis *continua*, reunindo-os em um *continuum* que demonstra, de um lado, orações menos condensadas, ligadas por conectivos, caracterizando as orações simples, e de outro, orações mais condensadas, justapostas, englobando as orações complexas:

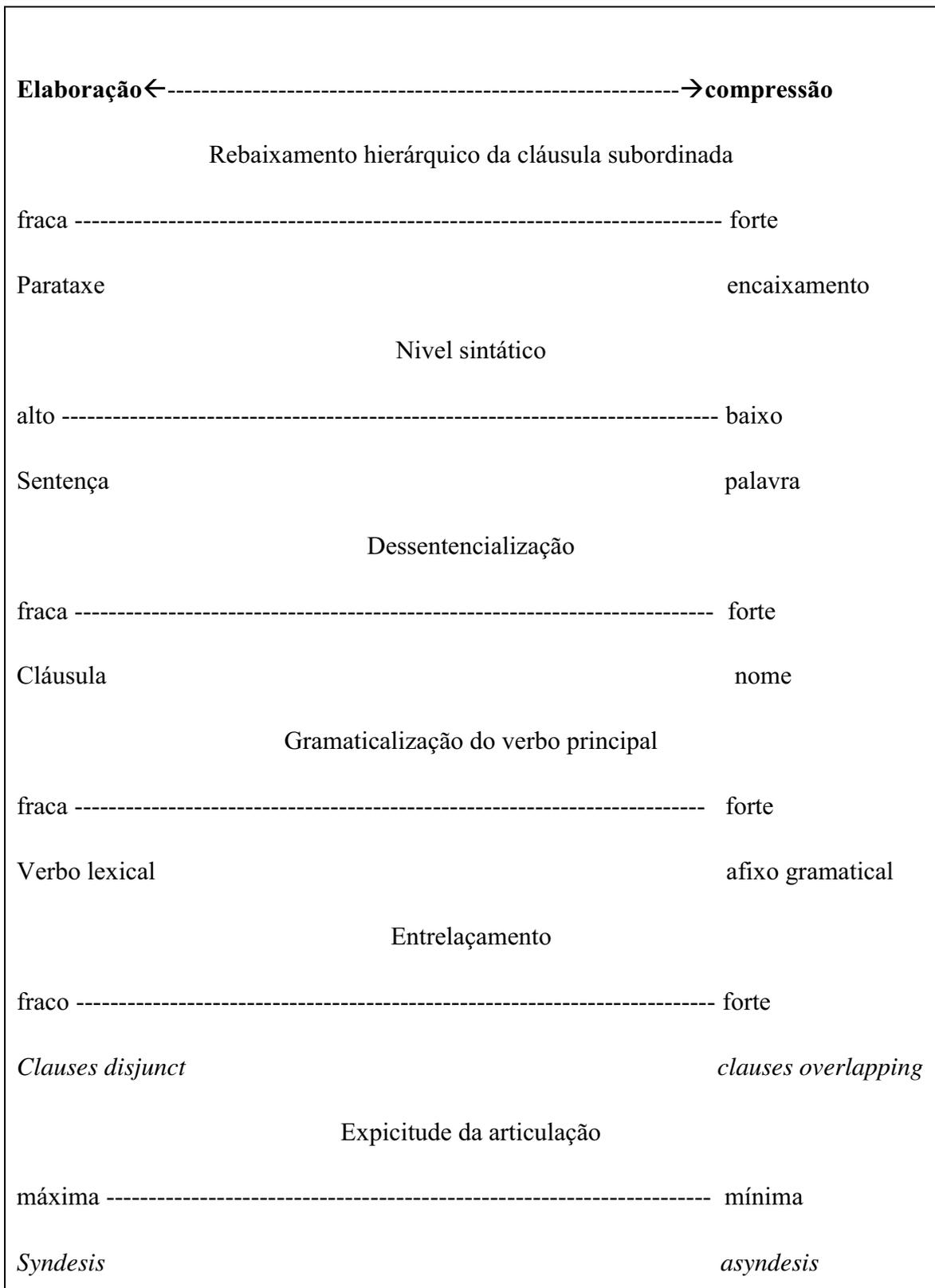


Figura 2: *Continua* da ligação de orações (LEHMANN, 1988).

Lehmann (1988) apresenta a integração de orações de forma hierárquica, sendo que, no polo esquerdo, não há relação hierárquica entre as orações, classificando a

parataxe, enquanto, no polo direito, existe essa hierarquia, já que a oração subordinada constitui uma parte da oração principal, com o maior nível de encaixamento. Lehmann afirma, ainda, que outras orações preenchem o espaço entre os dois polos, o que pressupõe a existência de estruturas intermediárias à margem dos tipos mais prototípicos.

Utilizando os padrões definidos por Lehmann (1988), podemos ressaltar algumas considerações sobre as orações finais. Como definido, essas orações são degradadas, uma vez que não possuem, em seus verbos, as mesmas marcas de tempo, modo e aspecto das orações principais.

Os parâmetros propostos por Lehmann (1988) são relevantes para a análise das CMCP, na medida em que cabe verificar o grau de integração de V1 e V2, o que seria indicativo de maior integração.

Cristofaro (2005, p.155), por seu turno, afirma que as orações adverbiais têm a função de ligar duas orações, sendo que uma delas corresponde às circunstâncias sobre as quais as outras tomam lugar. Assim, negando a abordagem clássica sobre orações adverbiais, segundo a qual existe um processo de incorporação das orações adverbiais nas principais, Cristofaro (2005) afirma que em um relação adverbial, nenhuma das orações envolve referência para a outra, sendo que a própria oração adverbial é que transmite referência para as duas orações.

Cristofaro (2005) define a oração final como uma oração que “(...) liga duas orações, uma delas (a oração principal) é executada com o objetivo de obter realização de uma outra (a oração dependente)⁴⁶” (CRISTOFARO, 2005, p.157). Em (43) há uma oração final. Pode-se perceber, na primeira oração, que a ação de *ir ao mercado* (*went to the market*) é realizada a fim de obter a realização da segunda ação, *comprar abóbora, manjerição e cranberry* (*to buy pumpkin, basil and cranberries*).

(43) *We went to the market [to buy pumpkin, basil, and cranberrie]*⁴⁷

Nós fomos ao supermercado [para comprar abóbora, manjerição e cranberries].

Segundo Cristofaro (2005, p.157), nas orações adverbiais aparecem as marcas de tempo, aspecto e modo independentes, sendo que essas orações não compartilham os

⁴⁶“(...) link two SoAs one of which (the main one) is performed with the goal of obtaining the realization of another one (the dependent one)” (CRISTOFARO, 2005, p.157).

⁴⁷ (CRISTOFARO, 2005, p.155).

participantes com a oração principal. Nas orações de finalidade, no entanto, a oração principal é que determina o seu tempo e modo, sendo que o que é apresentado, na oração de finalidade, é tipicamente dependente do agente expresso na oração principal. Assim, nas finais, segundo a autora, um indivíduo vai a algum lugar a fim de obter a realização de um propósito sendo que essa realização é prototipicamente provocada por esse mesmo indivíduo.

Pode-se concluir, diante disso, que as orações adverbiais finais ou apresentam sujeito correferencial ao da oração principal, ou um sujeito dependente do sujeito da oração principal. Esse nível de dependência entre os participantes da oração principal e da final torna a oração de finalidade mais integrada do que as outras orações adverbiais. Esse parâmetro de análise é relevante para os casos de CMCP, uma vez que, na maioria dos casos, essas construções apresentam sujeitos correferenciais. A exceção diz respeito aos casos de CMCP com o verbo *levar*, mas ainda assim é possível depreender forte dependência entre os eventos de V1 e V2, na CMCP.

2.5 Relação de finalidade.

Nessa subseção, apresentamos as propriedades semânticas das orações adverbiais finais a fim de averiguar sua relação com a CMCP.

A finalidade, em nossa língua, é assinalada pelas orações adverbiais finais. Azeredo (2010) apresenta as orações de finalidade como orações que “(...) expressam um efeito visado, um propósito”. (AZEREDO, 2010, p.329). Assim, em orações de finalidade, podemos notar a marca de propósito do interlocutor.

As orações finais em português podem, em tese, apresentar diferentes configurações sintáticas, considerando o tipo de estrutura e o tipo de conectivo. Dias (2001), em sua análise sobre cláusulas de finalidade extraídas de dados das modalidades falada e escrita no português brasileiro contemporâneo, afirma que o conectivo mais prototípico da oração de finalidade é a preposição *para*, sendo que existem poucas ocorrências com outros conectivos, como *a fim de*, *com o fim de*, *que*, entre outros. Dessa forma, nas orações finais, duas orações (a oração principal e a oração final) encontram-se ligadas por um desses conectivos (mais comumente pelo *para*).

Dias (2001) afirma que existe uma relação de dependência semântica entre as duas proposições que englobam uma oração de finalidade: a oração final está subordinada à oração principal. O estado das coisas descrito na primeira oração, a principal, é condição para o estado das coisas na oração subordinada a ela.

O sujeito da oração final ou é correferencial ao sujeito da principal, ou é subordinado a esse. Dessa forma, o sujeito da oração principal, seja ele referenciado na segunda ação ou não, é que vai determinar a finalidade ocorrida na segunda oração.

Um dos tipos de orações finais analisados por Dias (2001) refere-se aos casos que ocorrem com verbos de movimento básico. Segundo a autora, verbos como *ir*, em orações finais, seguido de outro verbo em forma não finita, tendem, em grande parte, a se gramaticalizar. Segundo Dias (2001), a sentença abaixo parece gerar contexto propício à gramaticalização, já que sua cláusula núcleo é formada pelo verbo *ir*, seguido de locativo. Nessa construção, diferentemente das orações prototípicas de finalidade, não há o conectivo *para*, mas existe um verbo em sua forma infinita, *pagar*. Assim, segundo a autora, o verbo *ir* possui dois alvos: o primeiro é o locativo *Copacabana*, e o segundo, marca-se por um deslocamento temporal no mundo das intenções, que é o de *ir à Copacabana com a intenção de pagar o condomínio*. Nesse caso, parece que o verbo *ir* está em algum estágio de gramaticalização, uma vez que, além de marcar o

deslocamento físico, ele, juntamente com o verbo *pagar*, habilita uma leitura de finalidade, com deslocamento temporal futuro.

(44) Não, meu marido está pagando para ela morar na Barra, não é? Ainda hoje ele **foi a Copacabana pagar o condomínio** e uma das partes, porque ela deixou atrasar, aliás quase 400.000.⁴⁸

Embora Dias (2001) afirme que o processo de gramaticalização em orações finais só ocorre com o verbo *ir*, ela encontra um caso de finalidade em que a preposição entre os dois verbos não está presente, mesmo o primeiro verbo não sendo o verbo *ir*:

(45) O cara que jogou foi comigo na- na – na portuguesa. Chegou lá, nós estamos fazendo compras, também, não é? E ele era aqui do interior, aqui de- do- estado do Rio. Um- um tal do- o apelido dele era Juba. **Sáimos com ele, fazer umas compra e tudo mais e tal**, compra daqui, uns compra boneca, não é? para trazer para filha, não é? outros compram uma roupa, não é? ⁴⁹

Nessa sentença, ainda que não exista conector entre os dois verbos da oração, e o primeiro verbo não seja básico, podemos notar que V1 é um verbo de movimento orientado, como ocorre na CMCP. Há, ainda, o material interveniente *com ele*, que, nesse caso, sinaliza o sentido de companhia. Assim, pretendemos analisar, partindo das discussões propostas por Dias (2001), qual a relação dessa construção com as orações finais e tentar compreender, dessa forma, o que habilita finalidade em CMCP.

⁴⁸ (Censo/RJ: Dor., 44 anos *apud* DIAS, 2001, p.72).

⁴⁹ (Censo/RJ: Man, 59 anos *apud* DIAS, 2001, p.94).

2.6 Metáfora conceptual

Discutiremos os conceitos de metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1992), a fim de comprovar, no memento da análise, o destino metaforizado na intenção, nas orações finais. Com isso, pretendemos analisar se o que marca finalidade, na CMCP, também se fundamenta em propriedades metafóricas.

Lakoff e Johnson (1980), partindo da discussão de metáforas conceptuais como *Tempo é dinheiro, amor é viagem e discussão é guerra*, demonstram que as metáforas estão incluídas em nosso cotidiano, uma vez que o tempo, para nós, é visto como um bem valioso; o amor é uma empreitada difícil que se torna, inclusive, monótona; e a discussão, é uma luta entre pontos de vista diferentes sendo atacados e defendidos, a exemplo de uma guerra.

Os autores dividem as metáforas em três tipos principais: estruturais, orientacionais e ontológicas. As metáforas estruturais caracterizam-se por estabelecer relações entre conceitos abstratos e concretos, como a metáfora *O amor é uma viagem*, a exemplo de (46).

(46) *I don't think this relationship is **going anywhere***⁵⁰

Eu não acho que nossa relação está indo a algum lugar.

As metáforas orientacionais partem de relações orientacionais (*cima-baixo, frente-trás, dentro-fora*), como a metáfora *Feliz é para cima*, em (47), e *Triste é para baixo*, em (48).

(47) *I am **feeling up***⁵¹

Eu estou me sentindo para cima.

(48) *I am **feeling down***⁵²

Eu estou me sentindo para baixo.

⁵⁰ (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.37).

⁵¹ (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.15).

⁵² (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.15).

As metáforas ontológicas são aquelas que estabelecem relações de acordo com nossas experiências com objetos físicos, permitindo comparações com substâncias e entidades, como a metáfora *Inflação é uma entidade*, em (49):

(49) *We need to combat inflation.*⁵³

Nós precisamos combater a inflação.

Lakoff (1992, p.1) afirma que, pela metáfora, uma forma é utilizada para se conceituar um domínio mental em face de outro. Assim, determinados conceitos tornar-se-ão metafóricos à medida que forem explicados através de comparações com outros domínios mentais.

Conceituar um domínio mental, segundo Lakoff (1992), demanda realizar um mapeamento desse domínio através do sistema conceptual. As expressões metafóricas, por sua vez, são expressões linguísticas, sejam elas palavras, sentenças ou frases, que se encontram na superfície desse mapeamento.

Para exemplificar os princípios metafóricos, Lakoff (1992) apresenta aspectos de eventos estruturados, afirmando que as noções de estado, mudança, processo, ação, causalidade, finalidade e significados são definidas cognitivamente por metáfora conceituais que englobam espaço, movimento e força.

O autor retoma a metáfora *O amor é uma jornada* (LAKOFF; JOHNSON, 1980) para explicar o conceito metafórico. Segundo Lakoff (1992), essa é uma metáfora conceptual em que os amantes são viajantes que estão em uma mesma jornada, com os mesmos propósitos como destinos. Com isso, o autor afirma que o amor é um mapeamento de jornada, na qual os amantes são os viajantes, a relação de amor, o veículo e o objetivo comum dos amantes, seus destinos comuns na viagem. Partindo dessa metáfora conceptual, Lakoff (1992) afirma que metáfora é um mapeamento ontológico através dos domínios conceptuais.

O autor, com isso, assume que conceitos básicos são quase sempre entendidos via metáforas conceptuais. Assim, Lakoff (1992) discute, também, a metáfora conceptual de base cognitiva *Finalidades são destinos*⁵⁴ (LAKOFF, 1992, p.14),

⁵³ (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.24)

⁵⁴“*Purposes are destinations*” (LAKOFF, 1992, p.14).

afirmando que “(...) a ação de finalidade é um movimento autopropulsionado para um destino”⁵⁵ (LAKOFF, 1992, p.14).

Partindo dessa metáfora conceptual definida por Lakoff (1992), voltamos ao conceito de finalidade, a fim de compreender o movimento propulsionado ao destino, descrito pelo autor.

Dias (2001) já definiu as orações finais como orações em que se busca uma meta, proposta na primeira oração, ou oração principal. Conforme o trabalho de Dias (2001), o conectivo mais prototípico da oração de finalidade é a preposição *para*.

Castilho (2010, p.597-598) aloca a preposição *para* dentro do eixo espacial horizontal, que apresenta o *continuum*: ponto inicial, ponto medial e ponto final. A preposição *para* está entre as preposições que integram a meta de um evento, como em (50). O autor afirma, ainda, que ela ocorre em orações com verbo de movimento (ou verbo de suporte), nas quais o sujeito será o controlador do evento.

(50) Então eu os levo *para* a escola... e vou trabalhar.⁵⁶

Dias (2001) estabelece as orações de finalidade como as orações que possuem o esquema semântico do movimento, pois a finalidade marca o deslocamento de uma origem a um objeto, integrando-a no mundo das intenções. Baseando-se nos conceitos de Lakoff e Johnson [2002 (1980)] e em Lakoff (1987), Dias (2001) define as orações de finalidade:

“as cláusulas de finalidade codificam o movimento no mundo das intenções. O sujeito e/ou locutor estabelecem um propósito ou finalidade, cuja execução do objetivo demanda o deslocamento de uma origem a uma meta, com uma trajetória, no mundo das intenções. Este *movimento* no mundo das intenções *pode sobrepor-se* ao deslocamento no mundo físico” (DIAS, 2001, p.163).

Assim, a finalidade deve ser considerada como um movimento partindo de uma origem a uma meta abstratizada.

Podemos, portanto, compreender a oração de finalidade como uma oração que possui, em alguns casos, dois destinos: um físico, de deslocamento espacial e outro

⁵⁵ “(...) *purposive action is self-propelled motion toward a destination*” (LAKOFF, 1992, p.14).

⁵⁶ (D2 SP 360 *apud* CASTILHO, 2010, p.598)

metafórico, assinalado pela preposição *para*, que prototipicamente marca propósito em orações de finalidade. Em outros casos, apenas o destino metafórico está presente nessa oração. Assumimos que a metáfora conceptual *Finalidades são destinos* habilita a leitura de finalidade nas CMCP a partir dos verbos de movimento orientando, cujas acepções semânticas evidenciam significados de deslocamento físico em direção a uma meta. Uma vez que a semântica do próprio V1 já carrega esse sentido orientacional, o apagamento da preposição *para* não compromete a leitura de finalidade. Mostraremos, na seção de análise, como essa noção se atualiza nos dados coletados.

3 METODOLOGIA

Esse capítulo tem por objetivo apresentar a metodologia utilizada para a coleta e análise das ocorrências da CMCP na língua portuguesa.

Considerando as CMCP como construções que ocorrem com o espaço de V1 sendo ocupado por verbos de movimento orientado (LEHMANN, 2011), selecionamos os verbos *chegar, correr, descer, entrar, passar, sair, subir, levar, sentar e voltar* e realizamos buscas em três diferentes *corpora* (Iboruna, *Corpus do Português* e Programa Peul) sobre construções com esses verbos, além de utilizar, em análise qualitativa, dados encontrados no site *Google*. Os dados encontrados no site do Programa Peul também foram considerados somente em análise qualitativa.

O banco de dados do Iboruna é o *corpus* que integra o projeto ALIP e é composto por dois tipos de fala: o banco Amostra Comunidade (ou Amostra Censo), que reúne 152 amostras de falas que são controladas por princípios sociolinguísticos (LABOV, 1972; VOTRE e OLIVEIRA, 1995); e o banco de dados Amostra de Interação Dialógica, que são amostras coletadas secretamente em situações de interação social. O projeto tem por objetivo constituir um banco de dados para a descrição do português falado no interior de São Paulo e foi desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF) do IBILCE/UNESP, entre os anos de 2002 e 2003.

O *Corpus* do Português foi desenvolvido por Mark Davies, professor de Linguística na Universidade Brigham Young, em Provo, Utah, EUA e por Michael J. Ferreira, professor na Universidade de Georgetown, Washington, EUA. O *corpus* é constituído por cerca de 45 milhões de palavras, presentes em 57 mil textos em português, permeados entre os séculos XIV e XX. No *corpus* é possível realizar buscas por palavras, frases, lemas, classes gramaticais, além de combinações com todos esses termos. Além disso, é possível comparar a frequência e distribuição de palavras, frases e construções nos textos. O texto possui divisões em Registro (oral, ficção, jornalismo e acadêmico), Dialeto (português brasileiro ou europeu) e Período histórico (século XIV a XX).

O grupo PEUL, Programa de Estudos sobre o Uso da Língua, teve início no ano de 1979, com o projeto “Censo da Variação Linguística do Rio de Janeiro”, coordenado pelo professor Anthony Naro. O projeto tem como objetivo descrever a língua portuguesa brasileira, baseando-se em sua sistematicidade e variação, tendo como foco a variedade falada e escrita no Rio de Janeiro. O grupo conta, atualmente, com dez pesquisadores, além de bolsistas de Iniciação Científica. Os dados utilizados no

programa são os de amostras Censo, de 1980 e 2000; amostra de indivíduos recontactados, de 2000; amostras de fala infantil; amostra interacional; amostra do mobil; e amostra de discurso jornalísticos, com textos escritos. Os dados utilizados em nossa análise qualitativa foram retirados das amostras Censo 1980 e Censo 2000.

Os dados coletados do *Corpus* do Iboruna para esse trabalho são do grupo Amostra Comunidade. Os dados coletados do *Corpus* do português apresentam ocorrência tanto em transcrições de fala, quanto em documentos escritos, sendo mais comum, no entanto, ocorrências em dados de fala. Os dados coletados na internet, no *Google*, condizem com sites de relacionamento, sites de perguntas e respostas e redes sociais.

Após realizada a busca e identificadas as construções como casos de CMCP, nas quais o V1 vem seguido por um V2 em forma não finita, realizamos, em um primeiro momento, uma análise qualitativa dos dados. A ocorrência de materiais intervenientes entre os dois verbos da construção também foi analisada com a intenção de compreender os processos de integração de cláusulas (LEHMANN, 1988; CROFT, 2001; CRISTOFARO, 2005) da CMCP.

Em um segundo momento, empreendemos uma análise quantitativa dos dados, tratados de forma estatística, utilizando o programa Goldvarb X, com o objetivo de verificar se as CMCP apresentam propriedades diferentes considerando os tipos verbais utilizados.

A variável dependente escolhida foi *o tipo de verbo* possível no espaço de V1. Elegemos esse grupo de fatores como variável dependente por acreditar que o tipo verbal de V1 poderia ter implicações na semântica da CMCP.

O primeiro grupo de fatores foi a *presença de material interveniente* entre os dois verbos, seguido do grupo *tipo de material interveniente entre V1 e V2*. Escolhemos esses grupos de fatores com o objetivo de comprovar que construções em que os verbos apresentam-se de forma contígua estão mais integradas em uma escala de integração de cláusulas.

O terceiro grupo de fatores analisou a variável *correferencialidade do sujeito de V1 e V2*. Essa variável foi utilizada com o objetivo de embasar nossas hipóteses de que a CMCP encontra-se mais integrada que a oração final, da qual advém, uma vez que os sujeitos são quase todos correferenciais, com exceção dos casos com verbo *levar*, nos quais, ainda que não exista a correferencialidade de sujeitos, esses são altamente dependentes um do outro.

O quarto grupo de fatores analisou a *explicitude do sujeito de V1*. Esse grupo de fatores foi utilizado a fim de observar se existia, a partir do sujeito de V1, diferenças sintático-semânticas nas CMCP.

O quinto grupo de fatores pautou-se em verificar o tempo verbal de V1. Esse grupo de fatores foi escolhido com o objetivo de verificar se existiam diferenças semânticas nas construções a partir da diferenciação do tempo verbal de V1.

O sexto grupo de fatores quantificou as ocorrências de todos os *corpora* utilizados. Pretendíamos, com isso, observar se gêneros textuais diferentes suportavam casos de CMCP de forma semelhante.

O sétimo grupo de fatores usado foi o *tipo de texto* em que se inserem as CMCP, falados ou escritos. Como mostraram os dados do Goldvarb X, não existem grandes diferenças nas estatísticas resultantes dos tipos de *corpus* utilizados, e os números de dados encontrados em dados de fala e de escrita são bastante próximos. Apresentaremos os resultados a título de curiosidade, uma vez que CMCP não é um tipo de construção exclusivo de língua falada ou escrita. Os casos retirados do *corpus* Iboruna equivalem a 31,2% dos dados, totalizando 20 dados. O *Corpus do Português* representa 35,9% dos casos, com 23 dados. Os dados do *Google* encontrados são 32,8% das buscas, com 21 dados. Após realizar a quantificação dos dados a partir das variáveis selecionadas, realizamos a análise dos resultados quantitativos da CMCP, em comparação à anterior análise qualitativa. Aplicamos as teorias apresentadas na fundamentação teórica, com os pressupostos de gramaticalização, construcionalização, construcionalidade e estatuto metafórico, o que resultou no capítulo de análise dessa dissertação.

Os dados coletados de forma assistemática no *corpus* de busca do *Google* foram utilizados para realizar análise qualitativa de CMCP. Não incluímos esses dados na quantificação pela impossibilidade de se esgotar o *corpus* em questão. Ainda assim, esses dados foram considerados no capítulo de análise.

4. ANÁLISE DAS CMCP EM PORTUGUÊS

4.1 Tipo de V1 em CMCP

Nessa seção, apresentamos a análise das CMCP a partir dos *corpora* selecionados, tendo em vista suas propriedades sintáticas, bem como sua contraparte semântica.

Identificamos a CMCP como uma construção em que dois verbos, V1 e V2, estabelecem entre si um sentido de finalidade. V1 é sempre de movimento orientado e recebe, quando aplicável, as marcas de flexão modo-temporal. V2, por sua vez, codifica um evento que representa o objetivo (meta) de V1 e apresenta-se sempre numa forma não finita. Embora a semântica da CMCP possa ser interpretada como uma relação de finalidade/propósito, essas construções apresentam propriedades particulares suficientes para sustentar uma análise em separado das orações finais mais prototípicas, que marcam a finalidade através da estrutura *para+infinitivo* (DIAS, 2001; TORRENT, 2009). No caso das CMCP, V1, que é um verbo de movimento orientado, habilita uma leitura de deslocamento, no sentido metafórico, a um destino, que é a finalidade/propósito.

Partindo de uma lista dos verbos de movimento orientado em português, buscamos, nos *corpora* selecionados, CMCP com os verbos *chegar, correr, descer, entrar, levar, passar, sair, sentar, subir, voltar, ir* e *vir*. Embora as construções com *ir* e *vir* tenham sido as mais frequentes nos *corpora*, uma vez que acreditamos que se encontram num processo mais avançado de gramaticalização, podendo ser analisadas em muitos casos como construções com verbos auxiliares, sugerimos que um estudo mais aprofundado seja empreendido no futuro para dar conta especialmente desses casos. Desse modo, nossas análises se concentram nas CMCP com os verbos *chegar, correr, descer, entrar, levar, passar, sair, sentar, subir* e *voltar*. Embora todos esses verbos se enquadrem na categoria de verbos de movimento orientado, apresentam conteúdo semântico distintivo, relacionado principalmente ao aspecto do movimento que é focalizado em cada verbo. *Chegar* e *voltar*, por exemplo, focalizam o ponto de chegada, enquanto *sair* focaliza o ponto de partida. Sendo assim, por mais que todos possam preencher a posição V1 na CMCP, sua interação com a construção não se dá da mesma maneira, como mostraremos na análise dos dados.

Os dados coletados foram analisados quantitativamente através do programa Goldvarb X. Apresentamos, desse modo, os resultados para cada grupo de fatores.

Como o número de ocorrências com os verbos *voltar* e *sentar* é muito pequeno, os resultados para esses dois verbos precisa ser considerado de forma cautelosa. Embora não tenha sido possível encontrar dados de CMCP com o verbo *levar* em nossas buscas nos *corpora*, como muito nos interessa discutir esses casos, faremos algumas considerações acerca do uso de *levar*, conscientes, contudo, da necessidade de uma análise mais consistente a partir de uma maior quantidade de dados. A variável dependente escolhida foi o tipo de verbo na posição V1. Desse modo, podemos controlar não só a distribuição dos tipos de verbos, como também observar se há especificidades sintáticas e/ou semânticas relacionadas ao tipo de verbo. Nossos resultados mostram que *correr*, com 19 ocorrências, representando 29,7% dos dados coletados, é o mais frequente nas CMCP analisadas. *Entrar*, com 14 casos, o que equivale a 21,9% das ocorrências, é o segundo tipo mais frequente. Em seguida, estão as construções com o verbo *sair*, 13 ocorrências, 20,3%. Com um número menor de ocorrências estão os grupos com o verbo *subir*, 5 casos, 7,8% dos dados, *chegar* e *passar*, com 4 dados cada verbo, representando 6,2% dos casos, *descer*, com 3, 4,7%, *voltar* e *sentar*, com 1 dado cada um. Os verbos *sentar* e *voltar* foram quantificados juntos, uma vez que o número de ocorrências com esses dados era muito pequeno.

Tabela 1: Frequência dos tipos de verbos na posição 1 em CMCP.

TIPO DE VERBO	TOTAL	
	N	%
CORRER	19	29,7
ENTRAR	14	21,9
SAIR	13	20,3
SUBIR	5	7,8
CHGAR	4	6,2
PASSAR	4	6,2
DESCER	3	4,7
VOLTAR	2	3,2
SENTAR		

Embora estejamos tratando as CMCP coletadas como um grupo unificado de construções, que compartilha as mesmas propriedades sintáticas e a semântica de finalidade/propósito, a análise em separado, a partir do tipo de verbo em V1, revela que essas construções apresentam forte dependência contextual, como mostraremos a seguir.

A primeira construção que analisaremos é a com o verbo *chegar*. Em (51), o verbo *chegar* possui um complemento de direção, *em casa*. A semântica do verbo, nessa construção, coincide com a acepção proposta por Borba (1991), que é a de *vir, atingir*. Nessa ocorrência, vemos que o evento codificado em V2, *ver*, constitui o propósito de V1, *chegar*. Ou seja, *chega-se* a uma direção, *em casa*, mas com a intenção de realizar outra ação, a de *ver* alguém. Assim, essa CMCP possui dois destinos: um físico, expresso por *em casa*, uma vez que esse verbo possui orientação dêitica, e outro metafórico, que é a finalidade *ver minha mãe*. O interlocutor *chega* ao local onde a ação é possível de ser realizada. A construção, nesse caso, é sensível ao contexto, uma vez que a ação de *ver* uma pessoa é realizada quando se vai ao lugar onde essa pessoa mora, como na construção.

(51) e:: mas (ixe) num vejo a hora de **chegar em casa vê(r)** minha mãe::... né? Podê(r) descansá::(r) tomá(r) um banho gosto::so⁵⁷

CMCP formadas com o verbo orientado *correr* parecem comportar-se de forma diferente. Uma das acepções desse verbo é a com sentido de *dirigir-se apressadamente*.

De acordo com Borba (1991), o verbo *correr* carrega o sentido de deslocamento de modo apressado até um destino. O mesmo é visto na CMCP, em (52). O verbo *correr*, nesse caso, é um verbo que determina uma ação em um processo, no qual se desloca rapidamente a um ponto a fim de alcançar uma meta, abstratizada na ação de *pegar o bolo*.

(52) (...) e quando minha mãe foi buscá(r) o bolo pra festa... éh:: chegô(u) lá e num tinha nada pronto teve que corrê(r) *na casa da minha tia* trazê(r) na festa **corrê(r) na casa da minha tia pegá(r)**o bolo DEla leVÁ(r) pra festa... choveu acabô(u) a energia no meio da FEStá foi um auê...⁵⁸

⁵⁷ (IBORUNA/AC -071; DE: L-255-256).

⁵⁸ (IBORUNA/AC -076, NR: L 121-123).

O verbo *correr* parece possuir um sentido diferente dos outros verbos de movimento orientado, quando em uma CMCP. Ainda que se mantenha a semântica de movimento desse verbo, percebemos que ele parece denotar um sentido de complemento da outra ação, no caso de (52), a de *pegar o bolo*. *Correr*, nesse caso, parece implicar urgência em se realizar a ação. Assim, de forma rápida e urgente, corre-se até o destino para alcançar a finalidade. *Correr* apresenta, portanto, as mesmas propriedades de um advérbio de modo. Ainda assim, conseguimos ver, na CMCP em (52), duas ações ocorrendo. A primeira, que é a de *correr*, e a segunda, a de *pegar o bolo*.

Entre V1 e V2, em (52) existe o material interveniente *na casa da minha tia*, ocupando, na construção, o espaço de destino físico. Essa construção tem dois destinos: físico, *casa da tia*, e metafórico, *finalidade de pegar o bolo*. Em (53), a CMCP é formada também pelo verbo de movimento orientado *correr*, seguido pelo verbo *abraçar*. Os dois verbos são contíguos:

(53) Um ato nobre.. O chefe comovido, **corre abraçá-lo**, à sua vez os outros fazem o mesmo ao novo companheiro. As saudações responde o emir valente com saudações⁵⁹

Em (53), como não existe material interveniente entre os dois verbos, há apenas o destino metafórico, que é a ação de *abraçar*. O sentido de *correr*, contudo, parece diferenciar-se do sentido desse verbo na construção (52). Nesse caso, *correr abraçar* não representa a ação de *correr* até certo ponto, para depois realizar a ação de abraçar. Observa-se, aqui, uma integração maior entre os dois verbos, não sendo possível facilmente identificar V1 e V2 como dois eventos separados, já que parecem carregar o significado de uma só ação, que é a de *abraçar*. O verbo *correr* está marcando urgência na ação do segundo verbo, somente. O sentido que se tem, em sentenças como (53), é a de “abraçar rapidamente”. Acreditamos que isso ocorra em construções com verbos contíguos, com o espaço de V1 ocupado por *correr*. Como não existe o locativo entre os dois verbos marcando o destino, as duas ações parecem ter se integralizado em uma só ação, na qual o verbo *correr* parece ter uma função mais adverbial, no sentido de qualificar a ação verbal, assinalando o modo como a ação de V2 ocorre. Em (53) parece haver uma perífrase verbal que desempenha uma única ação.

⁵⁹ (Corpus do Português – Crisálidas – Machado de Assis – 18:Machado:Crisálidas).

Como possuímos poucos dados de CMCP com sentido semelhante ao presente em (53), pretendemos expandir nossas buscas, em um estudo futuro, a fim de encontrar mais ocorrências. Mesmo assim, a construção em (53) permite-nos concluir que não só a CMCP é sensível ao verbo de movimento que a compõe, como também a presença de material interveniente entre V1 e V2 impede, de certa forma, que os verbos dessa construção se integrem totalmente. Construções com verbos contíguos, por sua vez, parecem mais integradas, o que pode estar acarretando um processo de gramaticalização em estágio um pouco mais avançado.

Analisaremos as CMCP com os verbos *descer* e *subir*, e *entrar* e *sair* em pares, respectivamente, já que são verbos com orientações espaciais opostas.

A acepção principal do verbo *descer* é de que, com dois complementos, sendo um concreto e o outro apagável de origem, o verbo resultará em deslocamento unilateral de um local mais alto para um local mais baixo. Caso o verbo venha seguido de locativo, ainda, o locativo será responsável por marcar o ponto terminal, como em (54):

(54) A estrada de ferro **desce** até Santa Cecília⁶⁰

Nessa construção, o verbo de movimento orientado *descer* culmina em realizar o deslocamento até um ponto mais baixo de onde se partiu. Esse ponto, nesse caso, é o locativo *Santa Cecília*. A ação de *descer*, nesse contexto, representa a distância percorrida de um ponto a outro.

O mesmo sentido é visto em CMCP com esse verbo. Na CMCP, em (55), a ação também ocorre partindo-se de um ponto mais alto para outro mais baixo. Isso pode ser notado pela escolha do verbo *descer* e pelo contexto, uma vez que, nesse caso, a ação de *descer* segue uma ação anterior, que é *subir*. A CMCP, além de marcar um deslocamento a um destino físico, implícito pelo contexto, marca também a finalidade, que é *apanhar água*. O que se evidencia é que a finalidade de *apanhar água*, nesse local, só pode ser alcançada em um ponto mais baixo de onde se encontra o interlocutor.

(55) Tinha que (ruído) descer com lata, subir com lata, pegar bacia de roupa e descer, lavar lá em (est) baixo. Depois subir de novo com a bacia. Chega em casa, (hes) acabava de estender a roupa, **descia de (“novo”) apanhar água**. (ruído) Mas agora é

⁶⁰ (BORBA, 1991, p. 427- 429).

melhor, que a gente pode lavar (“roupa”) em casa, não precisa descer para apanhar água. Agora está tudo melhor⁶¹

Em (55) os dois verbos da CMCP não são contíguos, existindo, entre eles, um advérbio de intensidade. A presença de um material interveniente entre os dois verbos resulta em uma construção com ações verbais menos integradas.

Analisemos, agora, uma CMCP com o verbo *subir*, como em (56). Borba (1991) apresenta uma acepção para o verbo *subir* que se encaixa com a semântica desse verbo em CMCP: quando o verbo *subir* é seguido por um complemento de direção ou locativo, tem o sentido de um deslocamento de baixo para cima, elevando-se. Nem todos os casos com CMCP encontrados apresentam o complemento de direção ou locativo, mas o sentido do verbo na CMCP parece ser o mesmo.

(56) Ele pegô(u) já **subiu na casa dele buscar** o cano lá::... e (a)cabô(u) briga::n(d)o lá teve a maior com/confusão::chama atenção tam(b)ém de polícia né?⁶²

Ao contrário do verbo *descer*, em (55), na CMCP em (56) percebemos que o significado do verbo torna a ação alcançável em um ponto mais alto, que é a expressão *na casa dele*. Assim, o deslocamento espacial para cima é essencial para que se alcance a finalidade. O destino físico provavelmente é um ponto mais alto.

Em ambos os casos, portanto, fica evidente que os eventos descritos em V2 constituem a finalidade/propósito de V1.

O próximo verbo a ser considerado em nossa análise é o verbo *entrar*. Esse verbo, quando seguido de um locativo, mostra a ação de passar de um ponto fora para um ponto dentro (cf. Borba, 1991). Na CMCP, em (57), temos o verbo *entrar* com esse mesmo sentido. Nesse caso, o deslocamento ocorre de um ponto exterior, que é onde se encontra o interlocutor, a um ponto interior, que é *dentro da UTI*. O interlocutor *entra* no local com a finalidade de realizar outra ação, *ver uma pessoa*. O sentido desse verbo, com orientação espacial indiciando um ponto interior, permite dizer que o *Ariel* estava dentro do hospital, sendo que o interlocutor só poderia vê-lo caso entrasse no mesmo.

⁶¹ (CENSO/1988: RJ: arquivo 6, p.2).

⁶² (IBORUNA/AC- 031; NR: 77-78).

(57) Cara, como é difícil ver uma pessoa que a gente gosta sofrendo... Hoje **entrei na UTI ver** o Ariel, eu nunca tinha visto uma UTI, só na TV, confesso que entrei com um pouco de receio do que ia ver, mas mesmo assim fui firme e forte (...)⁶³

Em oposição ao sentido espacial do verbo *entrar* temos o verbo *sair*, como em (58). Borba (1991) define que a semântica desse verbo implica em deslocar-se de um ponto interior a um ponto exterior. Em (58), notamos que o interlocutor sai do quarto para um ponto exterior a ele.

(58) Entro no quarto coloco o uniforme e **saio ver** o Alex⁶⁴

Entretanto, não sabemos, nessa sentença, qual é o ponto exterior, a não ser pelo fato de que esse ponto é fora do quarto. Mas podemos afirmar que a ação de *sair* do quarto tem uma finalidade, que é a de *ver o Alex*. Há, todavia, algumas CMCP com esse verbo, nas quais sentido dele parece diferir do visto em (59), o que pode ser observado abaixo:

(59) Eu sou meio caseiro mais **saio ver** o movimento das ruas e o verde das praças. Sou bucólico mais ou entusiasta que um dia iremos viver na Guarapuava que queremos e merecemos⁶⁵.

Em (59), o verbo *sair* não parece marcar o deslocamento de um ponto interior a um ponto exterior, como afirmou Borba (1991). O interlocutor sai com o objetivo de ver o movimento das ruas, mas a ação de *sair*, nesse caso, não indica o movimento de *sair* de sua casa para a rua, mas sim um sentido no qual *sair* implica em *passar, distrair-se*. Os sentidos do verbo *sair* em (58) e (59) estão correlacionados, mas não significam a mesma coisa. Assim, o verbo *sair*, quando presente em CMCP, possui dois sentidos distintos: deslocar-se de um ponto interior a outro ponto exterior, a fim de se alcançar a finalidade; ou *sair*, com sentido de *passar*, para realizar, também, o propósito

⁶³(Disponível em: <http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=28540154&tid=2519818337906016550>> Acesso em 02 Set. 2013).

⁶⁴(Disponível em <<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?tid=5493747395368328447&cmm=104209169&hl=pt-BR>> Acesso em 15 Set. 2012).

⁶⁵(Disponível em: <<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=93977255&tid=549610550569325604&na=4&nst=1&nid=93977255-5469610550569325604-5489395012699288357>> Acesso em: 15 Set.2012)

intencionado. Essa polissemia do verbo *sair* em CMCP resulta em algumas observações sobre a interação semântica dos verbos com a construção. Ainda que a ação pareça ser mais marcada em (58), na qual existe deslocamento, a finalidade não se perde em (59). Portanto, isso nos leva a crer que os verbos possuem diferentes acepções e interações com a CMCP, mas que a noção de movimento sempre está presente, pois é a partir dela que a noção de deslocamento ao destino metafórico, que é a finalidade/propósito, é focalizada.

Em (60), a CMCP é constituída pelo verbo *passar* seguido do verbo *pegar*. A primeira acepção para o verbo *passar* define ação de movimento de um ponto a outro (cf. BORBA, 1991). O que se vê, em (60), é a ação de *passar* ocorrida em um ponto específico, o final, através de uma trajetória.

(60) Fala-me onde você mora que eu **passo pegar** você para gente ir no drive ai você vai saber quem é⁶⁶

O verbo *sentar*, em (61), compõe uma construção com verbos contíguos, sendo seguido pelo verbo *bater*. A ação de *sentar*, nesse caso, é bem marcada, uma vez que, mesmo que o destino físico não esteja marcado, na construção, pelo contexto sabemos que o movimento ocorrerá em uma mesa.

Encontramos apenas um dado com o verbo *sentar*. Nessa construção, o verbo *sentar* também está no infinitivo, como o V2 *bater*. Esse tipo de construção poderia gerar uma leitura de coordenação, na qual as duas ações, de V1 e V2 ocorrem de forma sucessiva e independente. Em (61), ainda que exista dois verbos no infinitivo, a ação de V2 ocorre em função de V1, ou seja, a ação de *sentar* ocorre com a finalidade de acontecer a segunda ação, *bater papo*.

(61) Tem umas mesa pra gente **sentá(r) batê(r)** um papo tem a... sala de pintu::ra de te::la mesa de arte de artesanato⁶⁷

O verbo *sentar* é um verbo que apresenta configuração semântica diferente da dos outros verbos de movimento orientado. A ação, nesse verbo, não representa um

⁶⁶(Disponível em <<http://www.formspriming.me/kattycamargo/q/1647280089>> Acesso em 06 Fev.2014).

⁶⁷ (IBORUNA/AC – 029, DE: L 119-120).

movimento a um destino, como os outros verbos. Ainda assim, ele aparece em CMCP, pois, na construção, ele marca uma ação com uma finalidade, que é metaforizada no destino. Por essa razão esse verbo é também usado em CMCP, contudo, parece representar um caso menos prototípico dessa construção.

Embora o número de CMCP com o verbo *voltar* encontrado seja pequeno, realizaremos uma análise dessa construção a fim de observar as implicações desse verbo em CMCP. Em (62) há um material interveniente entre V1 e V2: *lá*. Nesse caso, percebe-se pelo contexto em que a construção está inserida, que o verbo de movimento orientado *voltar* não perde sua semântica de movimento, uma vez que a própria construção indica um movimento a um ponto no qual se estava antes com a intenção de se alcançar a finalidade.

(62) “Marcos, 1500 está caro pelo estado que ela [bicicleta] está e por ser uma GTS ainda. Se estivesse pronta para andar, acho que valeria a pena. Volta lá com uma trena e mede você mesmo, dá um migué que **voltou la ver** algo e mede. A tendência é esta bike ficar encalhada lá, duvido que algum +/- entendido pagaria 1500 reais nela”.⁶⁸

Uma das acepções de Borba (1991) afirma que o verbo *voltar*, quando possui sujeito agente e complemento de direção apagável, significa *vir de volta, retornar, regressar*. Nesse caso, quando retomamos o contexto dessa sentença, percebemos que se aconselha uma pessoa, *Marcos*, a voltar a um lugar onde ele já tinha estado para averiguar o tamanho da bicicleta que ele pretende comprar.

Por fim, analisaremos o caso das CMCP com *levar*. (63) difere-se das outras construções encontradas em alguns aspectos. Todas as construções discutidas até o momento são com sujeitos de V1 e V2 correferenciais. Em (63), e em outras construções com o verbo *levar*, dada a estrutura argumental desse verbo, essa correferencialidade não se aplica.

(63) Eu tinha 13 anos e meu padrasto **me levou trabalhar** como boy no Cartório de Notas⁶⁹

⁶⁸(Disponível em: http://www.pedal.com.br/forum/gts-r3-para-mulher-pequena-alfameq-volare_topic41449.html. Último acesso: 15/03/2014).

⁶⁹(LEHMANN, 2011. Disponível em: <<http://www.atibaianews.com.br/index2.php>> Acesso em 14 Set.2012).

O verbo *levar* tem como acepção principal a de *acompanhar*, como em (64):

(64) Carlos foi levá-los em casa⁷⁰

Em (64), o verbo *levar* representa a ação de acompanhar alguém a algum lugar. O sujeito *Carlos* acompanhou algumas pessoas (representadas pelo pronome oblíquo *os*) em seu destino, a *casa*.

Diferentemente de (64), entretanto, a CMCP presente em (63) forma-se por dois verbos, *levar* e *trabalhar*. Nessa construção, há um sujeito acusativo, pois o pronome *me*, que é objeto do verbo *levar*, é também sujeito do verbo *trabalhar*. O destino, nesse caso, é metaforizado pela finalidade, que no caso é a de *trabalhar como boy*.

A exemplo de algumas orações finais, nas CMCP formadas com o verbo *levar*, ainda que os sujeitos não sejam correferenciais, o sujeito de V2 tem a ação subordinada ao sujeito de V1. Existe dependência sintático-semântica de um sujeito com o outro, o que é mostrado pela forma do sujeito acusativo.

Desse modo, embora nos casos de CMCP com *levar* os sujeitos de V1 e V2 não possam ser correferenciais, o que indicaria, como vimos na subseção 2.4, uma maior integração sintático-semântica, o modo como o sujeito de V1 age sobre o sujeito de V2 também é indicativo de forte dependência sintático-semântica.

A discussão a respeito dos tipos verbais ocorridos em CMCP permitiu concluir que existem diferentes níveis de integração de V1 e V2, em CMCP, o que provavelmente indica diferentes níveis de gramaticalização. Além disso, podemos notar que a semântica do verbo, bem como seus complementos, acarreta em algumas mudanças nas construções.

O verbo *correr* possui um sentido próximo ao de advérbios de modo em relação ao V2, uma vez que marca a urgência em realizar a finalidade. Há casos com esse verbo que demonstram que ele está em um nível de gramaticalização mais alto do que os outros verbos, pois ele perdeu parte de sua semântica de movimento. O verbo *sair* representa dois sentidos diferentes em CMCP. Há casos em que esse verbo possui a semântica de ação bem marcada, deslocando-se o interlocutor de um ponto interior a um ponto exterior e casos que esse verbo não possui o sentido de trajetória, mas sim o

⁷⁰ (BORBA, 1991, p.879).

sentido de *passear*. É importante notar, com tudo isso, que ainda que as CMCP possuam diferentes tipos verbais, a noção de finalidade continua sempre marcada.

Notamos, ainda, que o contexto da própria construção é importante para se explicar o tipo de V1 que aparece na mesma. Para melhor entender a dependência do verbo com a construção, observemos a CMCP com o verbo *correr*:

(65) e a gente comeu se deliciô(u) com aquela refeição da carne moída com arrozinho branco... e também na praia foi uma delícia a gente descia de manhã... pra praia... é bem encostado na praia... as noras **corria pra á::gua tomá(r)**sol e eu como num gosto do sol... que eu tenho a pele bem clara... eu ficava deba(i)xo do guarda-sol TODA embrulhada com... a canga né?...⁷¹

Com o objetivo de aprofundar a discussão acerca da interação do verbo com a construção, propomos testes em que intercambiamos os verbos na posição V1 na CMCP por outros verbos de movimento orientado. Os resultados mostraram que a alteração do verbo em V1 tem implicações semânticas, o que parece inviabilizar a permuta:

(66) (*) as noras **chegava pra á::gua tomá(r)** sol.

(67) (?) as noras **descia pra á::gua tomá(r)** sol.

(68) (?) as noras **entrava pra á::gua tomá(r)** sol.

(69) (*) as noras **passava pra á::gua tomá(r)** sol.

(70) (*) as noras **saía pra á::gua tomá(r)** sol.

(71) (?) as noras **subia pra á::gua tomá(r)** sol.

(72) (?) as noras **voltava pra á::gua tomá(r)** sol.

⁷¹ (IBORUNA/AC – 124; DE: 122-125)

(73) (*) as noras **sentava pra água tomá(r)** sol.

(74) (*) as noras **levava pra água tomá(r)** sol.

Quando trocamos a CMCP com o verbo *correr* pelos verbos *descer*, *entrar*, *subir* e *voltar*, percebemos que o resultado são sentenças aceitáveis, em alguns casos. Por questões semânticas, a troca com esses verbos é inviável, pois o sentido da construção, ainda que marcando finalidade, é diferente para cada tipo verbal. Em todas as construções que foram trocadas, perdeu-se o sentido de urgência imposta pelo verbo *correr* no verbo *entrar*. Em (66), a troca de *correr* por *chegar*, além de acarretar na perda de caráter emergencial de se realizar a ação de V2, parece causar estranhamento quando pensamos na relação de V1, *chegar*, com V2, *tomar*. A CMCP, em (65), é uma sentença cuja semântica define que se vai a algum lugar rapidamente pegar algo. O verbo *chegar*, antecedendo o verbo *tomar*, modifica a semântica da construção de se deslocar ao ponto final para *pegar* alguma coisa, pois o verbo *chegar* ocorre de forma centrada no destino.

Nas construções com os verbos *descer*, *entrar*, *passar* e *subir*, a CMCP parece aceitável, do ponto de vista formal. Contudo, as semânticas de todos os verbos apresentam diferenças entre si, bem como divergências com a semântica do verbo em (65). Os verbos *descer*, *entrar*, *subir* e *voltar* fizeram a construção perder parte da semântica de urgência em se realizar a ação. O verbo *passar* suscita uma passagem pelo destino, apenas, com a ação sendo construída de forma acabada.

Nas construções com os verbos *chegar*, *passar*, *sair*, *sentar* e *levar*, o resultado mostra construções inaceitáveis. Em (65), o material interveniente entre os dois verbos é a expressão *pra água*. Nessa expressão, existe a preposição *pra*. Essa preposição encaixa-se entre as preposições que marcam destino (cf. Castilho, 2010). O verbo *sair* possui incompatibilidade semântica com essa preposição, pois ele é um verbo que determina ação em um ponto inicial. A construção com o verbo *sair* tornou-se inaceitável considerando-se a a semântica contextual em que se insere a construção. O verbo *sentar* é incompatível com o contexto, uma vez que determina uma ação inacabada e pede um complemento não animado, como uma cadeira, uma poltrona, um banco, e não um lugar. Na CMCP com o verbo *levar* a incompatibilidade explica-se pelo fato de esse verbo possuir regência de transitividade. Assim, é necessário que ele

ocorra em construções com complementos, como é o caso do sujeito acusativo (cf. CMCP 61).

Podemos concluir, dessa forma, que embora V1 aceite um grupo grande de verbos de movimento orientado em CMCP, esses verbos não são facilmente intercambiáveis, o que indica que há uma forte dependência semântica e contextual associada à escolha do verbo a preencher a posição V1. Assim, embora todos os verbos que aparecem em CMCP sejam de movimento orientado, eles possuem diferenças semânticas entre si que impossibilitam marcá-los como constituintes de uma mesma configuração semântica. Os verbos *chegar, correr, subir, entrar, passar, sentar e levar* parecem possuir ação mais marcada em um destino, enquanto os verbos *sair e descer*, ainda que de movimentos orientados a um destino, marcam também ponto de origem. Por essa razão, não é possível determinar ações de diferentes CMCP como iguais, uma vez que umas marcam somente ponto de chegada e outras marcam ponto de chegada e ponto de saída.

Apresentamos, anteriormente, duas sentenças com CMCP com o verbo *sair*. Retomaremos a sentença em que esse verbo parece ter significado diferente dos outros verbos de movimento orientado, possuindo outra acepção:

(75) Eu sou meio caseiro mais **saio** ver o movimento das ruas e o verde das praças. Sou bucólico mais ou entusiasta que um dia iremos viver na Guarapuava que queremos e merecemos.⁷²

Quando aplicamos testes em que trocamos esse verbo por outros verbos de movimento orientado, percebemos que a semântica das frases modifica-se:

(76) (*) Eu sou meio caseiro, mas **chego** ver o movimento das ruas e o verde das praças.

(77) (?) Eu sou meio caseiro, mas **desço** ver o movimento das ruas e o verde das praças.

(78) (*) Eu sou meio caseiro, mas **entro** ver o movimento das ruas e o verde das praças.

⁷²(Disponível em: <<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=93977255&tid=549610550569325604&na=4&nst=1&nid=93977255-5469610550569325604-5489395012699288357>> Acesso em: 15 Set.2012)

(79) (*) Eu sou meio caseiro, mas **passo** ver o movimento das ruas e o verde das praças.

(80) (?) Eu sou meio caseiro, mas **subo** ver o movimento das ruas e o verde das praças.

(81) (*) Eu sou meio caseiro, mas **volto** ver o movimento das ruas e o verde das praças.

(82) (*) Eu sou meio caseiro, mas **sento** ver o movimento das ruas e o verde das praças.

(83) (*) Eu sou meio caseiro, mas **levo** ver o movimento das ruas e o verde das praças.

Os testes intercambiando o verbo da CMCP com os outros verbos de movimento orientado mostraram que quase todos os resultados são inaceitáveis. Em (76), (77), (78), (81) e (82), as construções perdem sua parte semântica, quando trocados os verbos. Sendo assim, são sentenças não aceitáveis. Em (80) e (77), com os verbos *subir* e *descer*, ainda que sejam construções gramaticais, possibilitam uma leitura diferente da sentença original, com o verbo *sair*. Nesse caso, muda-se a orientação espacial, que em (75) era de *fora para dentro*. Agora, nas sentenças com os verbos *subir* e *descer* temos duas ações opostas, nas quais o ponto do destino também é modificado, sendo ora um ponto mais acima do interlocutor, ora mais abaixo. E, por fim, a sentença (83) é incompatível tanto semântica, quanto sintaticamente, devido à transitividade desse verbo.

Podemos concluir, com isso, que o verbo *sair*, em CMCP, com o sentido de *passar*, apresenta propriedades semânticas muito diferentes dos outros verbos. Entretanto, a semântica de finalidade não se perde em nenhum dos casos estudados de CMCP.

Percebemos, ainda, que o verbo *sentar* em casos de CMCP, parece ser menos sujeito a trocas do que os outros verbos de movimento orientado. Retomamos, então, a sentença com esse verbo, a fim de constatar se a CMCP formada por ele é receptível a qualquer tipo de verbo. A CMCP com o verbo *sentar* é a seguinte:

(84) Tem umas mesa pra gente **sentá(r) batê(r)** um papo tem a... sala de pintu::ra de te::la mesa de arte de artesanato.

Apresentaremos, a seguir, a CMCP presente nessa sentença com o verbo *sentar* trocado por outros verbos de movimento orientado estudados:

(85) (*) Tem umas mesa pra gente **chegar batê(r)** um papo tem a... sala de pintu::ra de te::la mesa de arte de artesanato.

(86) (*) Tem umas mesa pra gente **descer batê(r)** um papo tem a... sala de pintu::ra de te::la mesa de arte de artesanato.

(87) (*) Tem umas mesa pra gente **entrar batê(r)** um papo tem a... sala de pintu::ra de te::la mesa de arte de artesanato.

(88) (*) Tem umas mesa pra gente **passar batê(r)** um papo tem a... sala de pintu::ra de te::la mesa de arte de artesanato.

(89) (*) Tem umas mesa pra gentes **sair batê(r)** um papo tem a... sala de pintu::ra de te::la mesa de arte de artesanato.

(90) (*) Tem umas mesa pra gente **subir batê(r)** um papo tem a... sala de pintu::ra de te::la mesa de arte de artesanato.

(91) (*) Tem umas mesa pra gente **voltar batê(r)** um papo tem a... sala de pintu::ra de te::la mesa de arte de artesanato.

(92) (*) Tem umas mesa pra gente **levar batê(r)** um papo tem a... sala de pintu::ra de te::la mesa de arte de artesanato.

O teste acima mostrou que a troca do verbo *sentar* por outros verbos resultou em sentenças inaceitáveis, pois esse verbo, como pode ser notado no contexto, em (84), está ligado com a ideia de um objeto não animado, no caso *cadeira*. A respeito da sintaxe, ainda, a troca do verbo *sentar* pelo verbo *levar* mostra que existem diferenças também na forma da CMCP.

Com o que foi discutido acerca dos verbos encontrados em CMCP, podemos fazer algumas considerações a respeito das observações para a ocorrência desse tipo de construção.

Através de testes de permuta realizados, podemos constatar que, ainda que CMCP só ocorra com a posição de V1 sendo ocupada por verbos de movimento orientado, existem especificidades semânticas e sintáticas entre esses verbos, não sendo possível, portanto, encaixá-los em uma mesma categoria, sem considerar relevantes as diferenças entre eles. Os tipos de verbos ocupando a posição de V2 também influenciam a seleção de verbos inaceitáveis ou não na CMCP. Portanto, V1 e V2, de forma conjunta, é que irão determinar as propriedades possíveis na atualização da finalidade da CMCP.

Além das peculiaridades apresentadas acima sobre os tipos de verbos que integram a CMCP, parecem ocorrer diferenças inclusive com as ocorrências do mesmo verbo, como foi mostrado com os usos aspectuais do verbo *sair*.

Apesar de os verbos encontrados em CMCP funcionarem com diferenças entre si, o fato de, em CMCP, interagindo com um segundo verbo no infinitivo, marcarem finalidade, possibilita afirmar que a semântica desses verbos, em junção à semântica de V2, é importante para que ocorra uma CMCP. Contudo, percebemos que, ainda que a semântica de movimento permaneça em todos os verbos, existem casos que o deslocamento implícito na orientação verbal está menos marcado. Acreditamos que a CMCP esteja dividida em diferentes níveis de gramaticalização, mas não no sentido clássico, com o desbotamento semântico do verbo e novas funções gramaticais.

4.2 Presença de material interveniente entre V1 e V2.

O grupo de fatores *presença de material interveniente* entre os dois verbos mostrou que essa propriedade aplica-se na maior parte dos casos.

Tabela 2: Presença de material interveniente entre V1 e V2.

TIPO DE CMCP	TOTAL	
	N	%
Com material interveniente entre os verbos	43	67,2
Sem material interveniente entre os verbos	21	32,8
TOTAL	64	100

Esse grupo de fatores é importante para medir o grau de integração sintática de CMCP, já que a falta de material interveniente entre V1 e V2 pode ser indicação de maior integração sintática. Os verbos de movimento orientado requerem, geralmente, a marcação de um destino, espaço preenchido, na maioria dos casos, por um locativo, o que, no caso das CMCP, seria um fator condicionante para o aparecimento de material interveniente entre V1 e V2. Por outro lado, a ausência de material poderia ser analisada como um indício de maior integração entre V1 e V2, o que estaria associado ao aumento do grau de gramaticalização.

Em (93), a CMCP é formada pelo verbo *subir*, seguido de um locativo, *na pani*, e outro verbo, *comprá*. O locativo representa o destino físico do interlocutor, um ponto mais baixo de onde ele se encontrava antes de iniciar a ação de subir. A junção dos dois verbos marca, na construção, a finalidade, como nas adverbiais finais. Assim, essa construção possui uma segunda meta, além do destino físico *pani*, que é o destino metafórico, a finalidade, no caso, *comprar um lanche*.

(93) Domingo: Pense numa ressaca; @daí só na coca hahaha almocei e fiquei vendo uma tela, ai era pra ter saído com a luh mas nem rolo; tomei banho e subi nos pia, ficamos conversando lá, **ai subi na pani comprá um lanche** pra ir pro som, já encontrei o nega e o Alan.⁷³

⁷³(Disponível em: <http://www.flogao.com.br/faabiinho00/140459931>. Último acesso em: 04 Dez. 2013).

Além de locativo, advérbios de tempo também podem ocorrer como material interveniente entre V1 e V2. Diferente do locativo, entretanto, o advérbio de tempo entre V1 e V2 não parece carregar semântica forte à construção. O locativo marca o destino do primeiro verbo, de modo a completar o seu sentido. O advérbio de tempo carrega informações novas a esse verbo, mas não de forma a completá-lo. Em (94), *entrar* é sucedido pela expressão adverbial *mais cedo*, e outro verbo, *pegar*:

(94) (...) tinha vez que eu tinha que tomá::(r) atitude que nem uma vez eu tomei uma atitude de chamá(r) um funcionário que entrava sete hora... e eu entrava de madrugada... que entrava sete hora... prime(i)ra vez que um encarregado entra de madrugada e o funcionário às sete [Doc. E Inf.: ((risos))] eu tive que dá (inint.)... eu tive [Doc.:hum] que::...avisá(r) o cara pa **entrá(r) mais cedo pegá(r)** um carro da firma⁷⁴

Ao analisar a CMCP de forma contextualizada, percebemos que a ação de *entrar* possui o significado de *iniciar* o turno no trabalho. A expressão adverbial de tempo *mais cedo* está se referindo à ação de iniciar o turno no serviço antes do comum. O contexto em que se insere a CMCP comprova isso, pois o interlocutor está explicando os horários que seu funcionário costuma começar a trabalhar para depois, através da CMCP, informar que esse horário mudou. Portanto, o tipo de material interveniente, nesse caso, é um advérbio de tempo e não um locativo, uma vez que a ação de entrar não se refere a um deslocamento físico de um ponto externo a um ponto interno.

Em (95), V1 e V2 aparecem de forma contígua, sem nenhum material interveniente entre eles. Essa construção é composta pelo verbo *subir* seguido diretamente pelo verbo *ver*.

(95) Acordei e vim pro pc, nada de bom aqui fui la frente fica trocando ideia com pia da rua e os cunhado, daí vim pega umas bera aqui em casa e daí o Neguinho fez uma caipira lá ficamos tomando, depois vim comer e subi nos pia, mas alem descí tomei banho e **subi ver** qual seria, daí tinha um fervinho pra i HAHA ai compramos uns wisk e bacard e fomos lá pra casa da Tchu no sitio.⁷⁵

⁷⁴ (IBORUNA-AC-063. NE: L 116-121).

⁷⁵ (Disponível em: <http://www.flogao.com.br/faabiinhoo/140459931>. Último acesso em: 04 Dez.2012).

O verbo de movimento orientado *subir* marca a passagem de um ponto mais baixo para um ponto mais alto, sendo a ação concluída no destino. Ainda que em (95) não exista, logo após o verbo *subir*, um locativo marcando esse destino, podemos reconhecê-lo considerando o contexto de todo o trecho, já que em um momento anterior, o interlocutor afirma que subiu *nos piá*, desceu tomar um banho e depois subiu de novo. O ponto anterior em que ele subiu é a casa dos *piá*. Portanto, na segunda vez, quando ele se desloca para um ponto mais alto, podemos compreender que esse ponto é de novo a casa *dos piá*.

Uma vez que o complemento locativo de V1 pode ser recuperado semanticamente no contexto, o que nos interessa ver em (95) é o contexto que favorece a integração sintática entre V1 e V2, já que a única vinculação estabelecida entre eles é a noção semântica de finalidade/propósito.

Embora, em alguns casos, não esteja marcado o destino físico do verbo de movimento orientado, o que percebemos é que a relação de finalidade sempre emerge da contiguidade dos verbos no contexto da CMCP. A própria semântica do verbo de movimento orientado favorece a reanálise da construção, possibilitando a leitura de um deslocamento até um destino metafórico, que é a própria finalidade.

As discussões levam-nos a crer que as CMCP sem material interveniente entre V1 e V2 são mais integradas sintaticamente do que construções com material entre os dois verbos. Com vista a verificar o grau de integração da CMCP, consideramos os parâmetros de integração de cláusulas complexas de Lehmann (1988).

Sabemos que a exemplo da oração adverbial final, a CMCP sofreu *degradação hierárquica* da oração, como definido na seção 2.4 sobre integração de cláusulas. Lehmann (1988) apresenta, ainda, outro parâmetro que pode ser utilizado para medir a integração na CMCP, que é o *explicitude da ligação*. Segundo o autor, quanto mais explícita a ligação entre as cláusulas, mais integradas elas se encontram. A CMCP, nesse sentido, é mais integrada que oração final, pois marca finalidade entre dois verbos sem necessitar de um conector para isso, como no caso do *para*, nas finais.

Assim, concluímos que quanto menor quantidade de material na CMCP, maior é o seu nível de integração sintática. CMCP com verbos contíguos é mais integrada sintaticamente do que construções com material interveniente entre V1 e V2. A maior frequência de CMCP com material interveniente pode ser indicativo de que essas construções não se encontram em estágio avançado de gramaticalização. Todavia, esse

tipo de conclusão ainda precisa de evidências mais robustas, o que só poderá ser feito num estudo futuro, com uma maior quantidade de dados.

4.3 Correferencialidade do sujeito entre V1 e V2

No que tange o grupo de fatores *correferencialidade do sujeito* entre V1 e V2, os resultados demonstraram quase 100% de correferencialidade do sujeito entre os dois verbos das construções nos testes realizados. A exceção fica por conta do verbo *levar*. O fato de o verbo *levar* não possuir sujeito correferencial demonstra que esse verbo não perdeu sua transitividade quando inserido na CMCP. *Levar* pede dois complementos, sendo um deles um nome humano e o outro, a marcação de direção (cf. BORBA, 1991).

Sendo assim, não podemos deixar de notar que o verbo *levar* é um verbo de movimento orientado, mas que tem estrutura diferente dos outros verbos de movimento em CMCP. Sabe-se que a identidade do sujeito, através da correferencialidade, revela maior integração sintático-semântica. CMCP com o verbo *levar*, ainda que não possua correferencialidade de sujeitos entre V1 e V2, mostra a ação do sujeito do segundo verbo dependente da ação do sujeito do primeiro verbo. Portanto, ainda que a CMCP com verbo *levar* esteja menos integrada que CMCP com outros verbos, a subordinação de sujeitos mostra que essas construções também possuem um grau alto de integração sintática. Estabelece-se um outro grau de integração sintático-semântica: a ação do sujeito de V1 recai sobre o sujeito de V2, como ocorre também em alguns casos de orações finais, como discutido na seção 2.4 (cf. CRISTOFARO, 2005).

4.4 Tempos verbais de V1

O grupo de fatores *tempos verbais* de V1 também foi considerado na quantificação a fim de averiguar o tipo de correlação modo-temporal que se estabelece entre V1 e V2 nas CMCP. Os tempos verbais dos verbos que aparecem na segunda posição da CMCP não foram quantificados, já que esses verbos necessitam estar sempre no infinitivo. A tabela abaixo demonstra que a maioria dos casos de CMCP possui o primeiro verbo também na forma não finita:

Tabela 3: Tempos verbais de V1 em CMCP.

TEMPO DO PRIMEIRO VERBO	TOTAL	
	N	%
Infinitivo	32	50
Pretérito perfeito	15	23,4
Presente	10	15,6
Pretérito imperfeito	7	10,9
TOTAL	64	100

Acreditamos que assim como as orações finais, as CMCP estabelecem uma relação semântica com as orações coordenadas, no que se refere à questão da iconicidade dos eventos envolvidos em ambos os tipos de construções. Em (96), V1 está no infinitivo e em (97), o primeiro verbo está no pretérito perfeito:

(96) Inf.: olha uma história que eu... achei... interessante né? ainda mais quando acontece c'os outro né?... éh::o meu irmão tinha um cunhado que ele::... apes/ pela idade dele rapaz ele::... era um pouco à vontade gostava de **saí(r) farreá::(r)**...⁷⁶

(97) A criada dos Dias indicou ao padre Amaro o escritório, e **correu contar** a D. Josefa que o senhor pároco viera procurar o senhor cônego, e com uma cara tão transtornada que decerto tinha sucedido alguma desgraça!⁷⁷

Em (97), *correr* é seguido pelo verbo *contar*. Nas orações coordenadas, duas orações e, portanto, dois verbos, ocorrem de forma segmentada, com sentido independente. A oração coordenada aditiva liga-se a outra oração pela conjunção aditiva *e*. Em orações desse tipo, temos uma sequência de dois eventos independentes, cuja relação semântica estabelece-se no contexto. Na CMCP, a relação semântica travada entre V1 e V2 sugere que o primeiro evento é realizado com a intenção de se obter o segundo evento, como em (97). Nesse caso, Amaro desloca-se até o destino para alcançar a finalidade, sendo que a mesma não ocorreria sem o movimento da primeira ação. Em (96) a CMCP parece confundir-se ainda mais com a oração coordenada

⁷⁶ (IBORUNA/AC – 103; NR: 144 - 146).

⁷⁷ (Corpus do Português – O Crime do Padre Amaro – Eça de Queirós – 18:Queirós:Crime)

porque, além de possuir dois verbos marcando dois eventos, os dois encontram-se no mesmo tempo verbal, propriedade sintática comum à coordenação. Vemos, portanto, em casos como (96) que, por um lado, não é possível analisar uma sentença levando em conta apenas critérios sintáticos, e, por outro, que nem sempre é tarefa fácil para o analista identificar os tipos intermediários, que emergem entre os polos do *continuum* de integração de cláusulas.

Para melhor embasar essa relação entre as orações de finalidade, e também, entre a CMCP e as coordenadas, baseamo-nos em Croft (2001) e Cristofaro (2005). Segundo os autores, nas finais, existe uma dependência de tempo-modo-aspecto entre a oração principal e a subordinada final, pois a cláusula principal é que predetermina o tempo-modo da final. Além disso, Croft afirma que embora não seja necessário haver compartilhamento de participantes da cláusula principal, o resultado do evento expresso na final é geralmente dependente do agente do evento da cláusula principal, sendo controlado pelo menos em parte pelo agente da cláusula principal.

Com isso, encerramos as interpretações sobre a quantificação dos dados de CMCP encontrados. Notamos, em nossos dados, que pode ou não ocorrer materiais intervenientes entre os dois verbos da CMCP e que, quando ocorrem, são, na maioria, locativos, o que se explica pelo fato dos verbos de movimento orientado serem considerados como transitivos circunstanciais. Na CMCP, V2 exerce uma função de advérbio, como uma oração final, representando o destino metafórico que marca a finalidade proposta no primeiro verbo. Concluimos que os sujeitos dos dois verbos da CMCP são quase todos correferenciais, com a exceção do sujeito do verbo *levar*, que, devido à sua transitividade, necessita de um complemento nominal que estabelecerá, com o sujeito do segundo verbo, uma relação de subordinação. Por fim, constatamos que os verbos de movimento orientado que formam a CMCP estão, em grande parte, no infinitivo, uma vez que esse tipo de construção parece estabelecer relação com a coordenada, na qual os dois verbos estão também no mesmo tempo verbal.

Percebemos, ainda, que embora os tipos verbais possíveis à CMCP sejam verbos de movimento orientado, eles possuem semânticas diferentes entre si. Os testes de permuta realizados permitiram concluir que algumas construções diferem-se de outras e que realizar trocas de verbos nas construções nem sempre é possível, pois alguns verbos possuem um sentido diferente, como é o caso de modalidade do verbo *correr* e, em alguns casos, o verbo *sair*.

Essas diferenciações levam-nos a tentar encontrar o motivo que explique a ligação entre esses tipos de construções e, ainda, a razão pela qual denominamos as CMCP como construções. Para isso, é importante retomarmos dois conceitos importantes: o de finalidade (cf. DIAS, 2001; CRISTOFARO, 2005; CROFT, 2001; LEHMANN, 1988) e o de construção (cf. FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988; FILLMORE; KAY, 1999; GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT; CRUSE, 2005), que será retomado mais adiante.

4.5 Construcionalidade da CMCP

Conforme foi discutido, a oração de finalidade marca propósito através do sistema *C-chains*. Notamos, com isso, que a ordem dos eventos é iconicamente a ordem sintática da oração. As marcas de tempo, modo e aspecto, nas orações finais, são definidas diretamente pelo sujeito da oração principal. A oração final, portanto, é um tipo de oração complexa em que a segunda oração concretiza um propósito através da ação da primeira oração.

O mesmo pode ser dito sobre a CMCP. Ela é, também, um tipo de construção em que se determina um propósito. É importante, para esse tipo de construção, o conceito de iconicidade, uma vez que o propósito só se realiza diante do movimento. Todavia, como, diferentemente da oração final, na CMCP não existe a preposição entre os dois verbos, podemos nos questionar a respeito de por que podemos interpretar a CMCP como um tipo de construção em que também se marca um propósito. Para isso, precisamos compreender melhor a função semântica da preposição nas orações finais.

Conforme apresentado no capítulo da fundamentação teórica, Dias (2001) definiu o *para* como o conectivo mais prototípico da construção de finalidade. No que tange à preposição *para*, Castilho (2010, p.597-598) aloca dentro do eixo espacial horizontal, que apresenta o *continuum*: ponto inicial, ponto medial e ponto final. A preposição *para* está entre as preposições que integram a meta de um evento, o ponto final. Essa preposição, portanto, tem a função de marcar o propósito na finalidade.

Além da função semântica da preposição, marcando a finalidade, nas orações finais, há, também, o esquema semântico do movimento, pois a finalidade marca o deslocamento de uma origem a um objeto, que é o destino metaforizado. A finalidade, portanto, marca um movimento no mundo das intenções (cf. Dias, 2001).

Assim, a finalidade deve ser considerada como um movimento partindo de uma origem a uma meta abstratizada. Para compreendermos melhor o sentido abstratizado da oração de finalidade, retomamos a metáfora “finalidades são destinos” (LAKOFF, 1992, p.14). Através dessa metáfora, podemos compreender a oração de finalidade como uma oração que possui um deslocamento metafórico a um destino, assinalado pela preposição *para* e por sua noção de movimento.

A CMCP, ainda que possua a noção de movimento, não possui a preposição *para*, o que a diferencia da oração final. A CMCP possui também um destino metafórico, como na final, marcado pelo verbo de movimento orientado. Assim, a ação desses verbos realiza um movimento até o destino, que metaforiza a intenção.

A preposição *para*, portanto, que em orações de finalidade marca o fim do *continuum* espacial no eixo horizontal, codificando o destino, não aparece na CMCP, uma vez que o papel de deslocamento e destino, marcando finalidade, faz-se pela junção do verbo de movimento orientado com outro verbo na forma infinitiva.

Assim, podemos pensar na CMCP como um tipo de construção que estabelece, com a oração final, uma relação direta ao marcar finalidade. A CMCP, contudo, é mais integrada sintaticamente, uma vez que a ligação entre os verbos é menos explícita. Podemos comprovar isso retomando mais uma vez os parâmetros de integração de cláusulas de Lehmann (2011). Já sabemos que o grau de integração de uma oração pode ser medido de acordo com o nível de dependência dessa oração com outra oração a qual ela se liga. Assim, quanto maior a dependência entre as orações, mais integradas elas se encontram. Os parâmetros definidos pelo autor servem para medir o nível de integração das cláusulas complexas. O parâmetro *degradação hierárquica da oração* aplica-se às orações finais, que, por possuírem maior dependência modo-temporal entre a oração principal e a final do que as outras adverbiais, são consideradas mais integradas.

A CMCP, além de apresentar *degradação hierárquica da oração subordinada*, como a oração final, também tem alta *explicitude de ligação*.

O parâmetro *explicitude de ligação* é aplicado na CMCP em comparação às orações finais, uma vez que a ausência da preposição *para*, prototípica na oração final, torna os verbos dessa construção ainda mais dependentes. Nesse tipo de construção não existe um conector entre os dois verbos, o que, nos termos de Lehmann, evidenciaria uma integração mais forte, ainda que, em alguns casos de CMCP, a ligação seja menos explícita que em outros, como é o caso da ocorrência de material interveniente entre os verbos.

A partir da definição do nível de integração das CMCP em comparação com as orações finais, passamos agora a analisar os processos de mudança sofridos pela CMCP em relação à final. As CMCP com verbos de movimento básico *ir* e *vir*, como assinalado, serão objetos de um estudo futuro, uma vez que parecem possuir propriedades que vão além das que conseguimos definir às CMCP. Entretanto, adentraremos nos processos de gramaticalização sofridos pelas construções com o verbo *ir*, ao formar a perífrase de futuro *ir+infinitivo*, a fim de constatar os processos de mudança sofridos pela CMCP.

Dias (2001) apresenta uma sentença com o verbo *ir* gramaticalizado. Em (98), de acordo com Dias (2001), o verbo de movimento *ir* é seguido por um diretivo, *zona sul*, e por uma cláusula, *ver a festa*, representando o alvo do sujeito, sendo objeto das intenções. Nesse caso, além do verbo *ir* sintetizar a ação de deslocamento espacial de um ponto de origem a uma meta, ele sinaliza também um deslocamento temporal. Ou seja, parte da semântica do verbo de movimento *ir* se altera:

(98) Meu garoto nasceu em agosto, de oito meses de gravidez, eu **fui** para zona sul **ver a festa**, não é?⁷⁸

O processo de gramaticalização do verbo *ir*, em orações finais, faz com o que o verbo sofra um desbotamento semântico, sendo o deslocamento físico-espacial mapeado em termo de deslocamento espacial, como em (99), na qual há um deslocamento temporal, com projeção em um tempo futuro, que é ligado ao verbo *buscar*. Dessa forma, a perífrase *ir buscar* poderia ser substituída pela forma *buscarei*. Assim, *ir buscar* e *buscarei* são formas em competição para marcar futuro, o que indica um alto grau de gramaticalização.

(99) o namorado dela ligô(u) pa mãe dela e falô(u) assim – “ai eu vô(u) **í(r) buscá(r)** a A.” – a mãe dela falô(u) assim – “ah mas num precisa **í(r) buscá(r)** a A. porque:: a colega dela a mãe da colega dela **vai buscá(r)** elas né?”⁷⁹

⁷⁸ (Censo/RJ: Dor., 44 anos *apud* DIAS, 2001, p.73).

⁷⁹ (IBORUNA – AC - 016; NR: L 118-119).

O mesmo não pode ser dito sobre (100). Ainda que se apresente, nessa construção, o verbo *ir*, seguido de um infinitivo, esse verbo não parece marcar um deslocamento temporal futuro, mas sim futuro do passado. Não existe, para casos como esse, uma forma em competição. Além disso, a perífrase de futuro possui o primeiro verbo, *ir*, sempre no presente. Sendo assim, construções como (100) estão gramaticalizadas em um grau muito mais baixo do que a (99).

(100) Inf.: viu o detalhe tudo... eles viram tudo certinho né? **eforam lá falá(r)**pa menina – “óh sua calcinha é assim assim assado”⁸⁰

Reflexão igual parece ser relevante para o verbo de movimento *vir*. Em (101), há um verbo de movimento, *vir*, seguido de um locativo, *aqui*, e outro verbo, *fazer*, em forma não finita. O verbo *vir*, nesse caso, não parece ter sofrido desbotamento semântico completo, pois não existe uma forma em competição com perífrase desse verbo e o infinitivo que o segue, *fazer*, como ocorre com o verbo *ir* em processos gramaticalizados. Nesse caso, ainda, não podemos notar uma nova função gramatical, como é o caso do verbo *ir*, na perífrase de futuro, que marca deslocamento temporal. Não existem evidências de que o verbo *vir* sofra gramaticalização, portanto.

(101) Inf.: [uma gracinha tem] até textura no fundo... [e toda as pessoa] [Doc.: ah:: que legal] da igreja que fizeram... num/ num pagamo(s) nada assim... ninguém::... gastadinhe(i)ro assim::... ah... vai lá e chama o pintor pra **vim aqui fazê(r)** o orçamento não::... os próprios membros da igreja... sejun::tam... e pintam a igreja...⁸¹

Embora os processos de mudança da perífrase *ir+infinitivo* sejam semelhantes, o resultado final são construções diferentes. Falar em gramaticalização de CMCP, no sentido literal, com a criação de uma nova função gramatical, portanto, não parece viável, uma vez que não existem evidências de que construções desse tipo estejam tão gramaticalizadas quanto perífrases *ir+infinitivo*. Pelo menos é preciso ressaltar nesse tipo de comparação que o resultado final do processo aponta para tipos de construções diferentes, já que na construção *ir+infinitivo* observamos a emergência de uma

⁸⁰ (IBORUNA – AC- 015; RO: L -903-904)

⁸¹ (IBORUNA – AC – 106; DE: L 448-449).

construção com verbo auxiliar responsável pela marcação do tempo futuro, tipo de mudança não aplicável à CMCP. Podemos pensar, entretanto, em um processo de construcionalização da CMCP em relação às orações finais. Assim, retomaremos os conceitos de gramaticalização e de construcionalização (cf. 2.2 e 2.3) a fim de identificar e comprovar o processo de construcionalização da CMCP.

Gramaticalização é o processo de mudança linguística no qual itens lexicais e construções recebem funções gramaticais. (HOPEER; TRAUGOTT, 2003).

Os mecanismos para se medir grau de gramaticalização propostos por Heine (2003) são *dessemanticização*, *decategorização*, *extensão* e *erosão*. Podemos perceber que o verbo *ir*, da perífrase *ir+infinitivo*, passou pelos processos de dessemanticização, com a alteração de seu conteúdo semântico, além sofrer *extensão*, já que passa a marcar deslocamento temporal e decategorização, pois muda da categoria de um verbo pleno para um verbo auxiliar.

O princípio de *estratificação* (HOPPER, 1991), também comum ao processo de gramaticalização, é evidenciado em construções ocorridas com a perífrase *ir+infinitivo*, pois ela possui formas em competição.

Os processos sofridos por outras CMCP, contudo, diferenciam-se da gramaticalização sofrida por construções com esse verbo. Quando falamos em mudança, na CMCP, estamos nos referindo à construcionalização. Compreende-se que a CMCP possui uma relação direta com a oração final, por assinalar, também, um propósito. Todavia, a CMCP é mais integrada que essas orações, o que nos leva a afirmar que a CMCP está em um processo de mudança. As CMCP partem das orações finais para marcar finalidade, porém, com estatuto sintático diferente. A CMCP, portanto, é uma construção emergente das orações finais, através de construcionalização.

Construcionalização é a emergência de uma nova construção a partir de relações diretas com construções antigas. A CMCP é uma construção que, como a oração de finalidade, marca também o propósito, mas de forma diferente. Isso torna a CMCP uma construção com uma forma sintática diferente da finalidade, que possui propriedades comuns à mesma, pois ambas têm a mesma semântica de propósito.

Para dar suporte a essas afirmações, retomamos os conceitos de construção, apresentados por Goldberg (1995). Construção é um par de forma e sentido (cf. 2.1). Partindo disso, é possível analisar a CMCP como uma construção emergente da final, já que, para que sua ocorrência transcorra, duas propriedades básicas são importantes:

- Ocorrência de um primeiro verbo, necessariamente de movimento orientado, antecedendo outro verbo, em sua forma não finita, sem nenhum conector entre eles
- Semântica de movimento orientado do primeiro verbo, ativando o preenchimento com um segundo verbo, que marca o ponto final no mundo das intenções.

A partir da definição da CMCP com essas duas propriedades é possível interpretá-la como uma construção, já que a primeira propriedade assinala a forma, e a segunda, a função. A CMCP, portanto, é um pareamento dessas duas propriedades, de forma e sentido.

CONCLUSÃO

Afirmamos, no começo da dissertação, que a CMCP é um tipo de construção que gera estranhamento ao falante. Ao realizar as buscas, notamos que a CMCP é um tipo de construção que está presente na fala e escrita do português brasileiro, mas passa, por vezes, despercebida, devido à sua relação estrita com as orações finais.

Aplicando os conceitos de construção (FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988; FILLMORE; KAY, 1999; GOLDBERG, 1995, 2006, CROFT; CRUSE, 2005) comprovamos a construcionalidade da CMCP, uma vez que ela é um pareamento de forma (verbo de movimento orientado, seguido por um verbo em forma não finita) e sentido (semântica do verbo de movimento orientado marcando uma trajetória ao destino final, através da junção de significados de V1 e V2). De acordo com os pressupostos da Gramática de Construções, ainda, retomando a Hipótese Fraca da Composicionalidade (GOLDBERG, 1995), concluímos que a soma dos componentes da CMCP, resultando em finalidade, é diferente do significado de seus constituintes, uma vez que V1 e V2, com suas propriedades sintáticas e semânticas, são indispensáveis à ocorrência da CMCP.

Concluímos, ainda, que a CMCP é uma construção que intermeia o *continuum* da coordenação e subordinação, demonstrando, portanto, um alto grau de integração entre os dois verbos, já que as únicas marcações possíveis entre o primeiro e o segundo verbo são locativos, marcadores temporais e sujeitos interpostos.

As inovações sintáticas da CMCP, como a ausência de um conectivo entre V1 e V2, demonstram, baseando-se nos parâmetros de integração de cláusulas propostos por Lehmann (1988), que existe um nível mais integrado nessa construção.

Além disso, através da metáfora conceitual *finalidades são destinos* (LAKOFF, 1992), pode-se interpretar a CMCP, com o verbo de movimento orientado sendo complementado por um segundo verbo, que ocupa a posição canônica do advérbio, escopando um deslocamento no mundo das intenções. Dessa forma, ainda, é possível constatar a importância da semântica desse verbo, que não está sujeito ao processo de dessemantização sofrido pela perífrase gramaticalizada *ir+infinitivo*.

Ainda que a CMCP não se iguale à oração de finalidade, sabe-se que ambas possuem relação estrita. A CMCP é, portanto, uma construção emergente, que sofre um processo de mudança e gramaticalização, mas não no sentido tradicional, sofrendo decategorização e dessemantização, mas no sentido de emergência de construções, ou

ainda, construcionalização. A CMCP, portanto, é um tipo uma construção em uso na língua portuguesa que está em competição com a oração adverbial final.

Por fim, conclui-se que a CMCP representa um predicado complexo, sendo, portanto, uma construção diretamente ligada à oração de finalidade. A CMCP é, então, a ação de movimento, que preenchido por um verbo infinitivo, marca um propósito no mundo das intenções.

Além disso, através da análise quantitativa dos dados de CMCP encontrados, podemos perceber que as CMCP possuem diferenças semânticas entre si, dependendo dos verbos utilizados, tanto na posição de V1, quanto de V2. Assim, o que permite considerar uma construção como sendo uma CMCP é a marca de finalidade ocorrendo de forma distinta das orações finais. Contudo, a própria complexidade interna das CMCP gera, nessas construções, diferentes níveis de integração e gramaticalização.

Como encaminhamento do trabalho, pretendemos analisar, em um momento futuro, construções dos tipos da CMCP com o espaço de V1 e V2 ocupados pelos verbos de movimento básico *ir* e *vir*. Esses verbos, em construções com infinitivo, possuem propriedades inerentes às definidas nesse trabalho para a CMCP. Contudo, percebemos, nas prévias encontradas com esses dados, que eles se comportam de forma diferente dos outros verbos de movimento orientado. Ainda que o verbo *ir*, em alguns casos esteja estabelecido dentro da perífrase de futuro *ir+infinitivo*, notamos que existem construções com esses verbos que não se encaixam nessa categoria, sendo necessária uma análise mais aprofundada dessa questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2010.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

BORBA et al. **Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CARVALHO, C. S. **Processos Sintáticos de articulação de orações: algumas abordagens funcionalistas**. Veredas – revista de estudos linguísticos, p. 9-27, v.8, n.1 e 2 – jan/dez, 2004.

CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CEGALLA, D. C. **Novíssima Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1994.

CRISTOFARO, S. *Subordination*. New York: Oxford University Press, 2005.

CROFT, W. *Radical Constructions grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W. CRUSE, A. D. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: University Press, 2004.

CUNHA, C. **Gramática da Língua portuguesa**. São Paulo: MEC, 1986.

DIAS, N. B. **As cláusulas de finalidade**. Tese (doutorado). Instituto de Estudo das Linguagens. Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2001.

FILLMORE, C. J. *Inocence: a secondidealization for linguistics*. Proceedings of the Fifth Berkeley Linguistics Society, 1979.

FILLMORE, C. KAY, P; O'CONNOR, M. C. *Regularity and idiomacity in grammatical constructions. The case of let alone*. Language, (p.501-538), 1988.

FILLMORE, C; KAY, P. *Grammatical constructions and Linguistic Generalizations: The What's X Doing Y? Construction*. Language, (p.1-33), 1999.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a constructional grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GUERRERO, R. *Clause linkage and purpose clauses in Southern Uto-aztecan languages*. México: 2011.

HEINE, B. *Grammaticalization*. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (org.). *A Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

HOPPER, P. *On some principles of grammaticalization*. In: TRAUGOTT, E.C.; HEINE, B (org.). *Approaches to Grammaticalization*, Vol.1- *Focus on Theoretical and Methodological Issues*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

HOPEER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University, 2003.

KURY, A.G. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1993.

LAKOFF, G. *The contemporary theory of metaphor*. Cambridge: Cambridge University, 1992.

LAKOFF, G. JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. London: University of Chicago Press, 2003.

LEHMANN, C. “Towards a typology of clause linkage”. In HAIMAN, John e THOMPSON, Sandra (eds) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Philadelphia: John Benjamins, (p.181-225) 1988.

_____. **Gramática Funcional**. 2011. Disponível em: <http://www.christianlehmann.eu/publ/gramatica_funcional.pdf> Acesso em 14 Ago.2013.

SABINO, F. **O encontro marcado**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

TORRENT, T. T. **A rede de construções em Para (SN) Infinitivo: uma abordagem centrada no uso para as relações de herança e mudança construcionais**. Tese (doutorado). Programa de pós-graduação em Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2009.

TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English*. In: Eckard, R. et al (eds) *Variation, Selection, Development-Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, (p.219-250), 2008.

TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization and the mechanisms of change*. In: _____. *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. New York, Oxford University Press, (p.19-31), 2011.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalization and Construcional Change*. Oxford Prees, (p. 1- 46), 2013.

VUILMERT, M. *Spetial obsession in the EseEjja verbal domain: a look at its associated motion' system*. California: UC Berkeley, 2013.

OBRAS CONSULTADAS

CASTILHO, A. T. “**Aspecto Verbal no português falado**” In: ABAURRE, M. B.M.; RODRIGUES, A. C. S. (orgs.) *Gramática do Português Falado*, Vol. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp (p.83-121), 2002.

CRÍACO, L; CANÇADO, M. **A inacusatividade e inergatividade no PB**. Caderno de EstudoLinguístico, Campinas, 2004.

GISBORNE, N. *Constructions, Word Grammar and Grammaticalization*. In: NEWMANN, J. (ed.) *Cognitive Linguistics*. Walter de Gruyter: Berlin,(p. 155-182), 2011.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Cambridge: University Press, 2006.

HEINE, B. *Auxiliaries: Cognitive Forces and Grammaticalization*. The University of Oxford Press: New York, 1993.

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. *Variation, change and constructions in English*. In: NEWMANN, J. (ed.) *Cognitive Linguistics*. Walter de Gruyter: Berlin,(p. 1-23), 2011.

LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things: What categories reveal about the mind*. Chicago: Chicago University Press, 1990.

LOBATO, L, M. P. **Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de Auxiliaridade**In: LOBATO et al. *Análises Linguísticas*. Petrópolis/RJ: Editora Vozes. (p. 27-91), 1975.

LONGO, B. de O.; Campos, O. de S. **A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado**. ABAURRE, Maria Bernadete M. & RODRIGUES, A. C. S. (orgs.). *Gramática do Português Falado*, Vol. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas/SP: Editora da Unicamp.(p. 445-497), 2002.

ROBERTS, I. *Grammaticalization, the clausal hierarchy and semantic bleaching*. In: _____. *Gradience, gradualness and grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamin, (p.45-73), 2010.

RODRIGUES, A. T. C. **Eu fui e fiz essa tese: As construções do tipo *foi fez* no português do Brasil**. Tese (doutorado). Instituto de Estudo das Linguagens. Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2006.

ROSENBAACH, A. *How synchronic gradience makes sense in the light of language change (and vice versa)*. In TRAUGOTT, E.C. e TROUSDALE, G. *Gradience, gradualness and grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamin, (p.149-180), 2010.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Gradience, gradualness and grammaticalization* In: _____. Amsterdam: John Benjamin, 2010, p.19-44.